

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE HISTÓRIA

MAURA RÉGIA FEITOSA DE FREITAS

**O HOMEM E O POLÍTICO: ARTICULAÇÕES DE HELVÍDIO NUNES
DE BARROS E SUA REPRESENTATIVIDADE NO GOVERNO DO
PIAUÍ (1966 – 1970)**

PICOS- PIAUÍ
2014

MAURA REGIA FEITOSA DE FREITAS

**O HOMEM E O POLÍTICO: AS ARTICULAÇÕES DE HELVÍDIO
NUNES DE BARROS E SUA REPRESENTATIVIDADE NO GOVERNO
DO PIAUÍ (1966 – 1970)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos/PI, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

ORIENTADOR: Prof. Ms. Raimundo Nonato
Lima dos Santos

**PICOS- PIAUÍ
2014**

Eu, **Maura Régia Feitosa de Freitas**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 18 de março de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

F866h Freitas, Maura Régia Feitosa de.
O Homem e o político: articulações de Helvídio Nunes de Barros e sua representatividade no governo do Piauí (1966 – 1970) / Maura Régia Feitosa de Freitas. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (62 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. MSc. Raimundo Nonato L. dos Santos

1. Política. 2. Regime Militar Brasileiro - Piauí. 3. Biografia Histórica. 4. Helvídio Nunes de Barros I. Título.

CDD 923.2

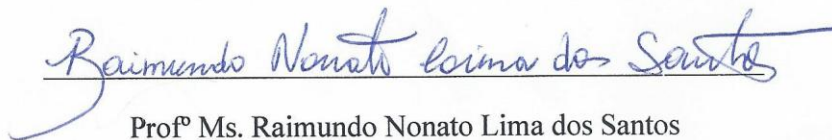
MAURA RÉGIA FEITOSA DE FREITAS

**O HOMEM E O POLÍTICO: AS ARTICULAÇÕES DE HELVÍDIO
NUNES DE BARROS E SUA REPRESENTATIVIDADE NO GOVERNO
DO PIAUÍ (1966 – 1970)**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em História do Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, da
Universidade Federal do Piauí.

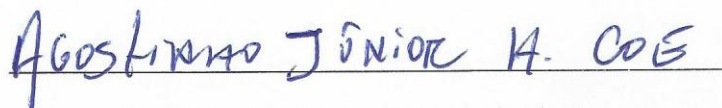
Aprovada em 18 / 03 / 2014

BANCA EXAMINADORA



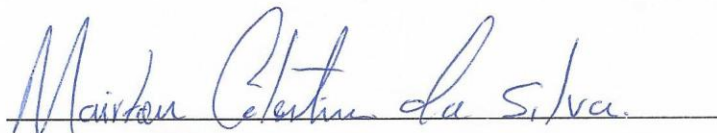
Profº Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Orientador



Profº Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe

Examinador



Profº Ms. Mairton Celestino da Silva

Examinador

Dedico este trabalho a Deus, por ser meu guia e fortaleza, minha alegria diante das vitórias alcançadas e socorro presente nas horas mais difíceis durante todo o percurso acadêmico e desafios enfrentados.

AGRADECIMENTO

A trajetória acadêmica exige muito esforço e perseverança, mas é pela fé que vencemos os grandes desafios e chegamos até o fim. Agradeço a Deus por ser tão presente ajudando nos momentos mais críticos e determinantes durante todo o curso e principalmente no que diz respeito às dificuldades nos horários, e na execução dos trabalhos acadêmicos.

Minha gratidão em especial ao meu amado esposo Jonas Brito de Souza que com seu auxílio e dedicação lutou ao meu lado e me apoiou em todos os momentos alegres e tristes, de dificuldades e vitórias me incentivando a perseverar até o fim. Amor... obrigado!

Agradeço também aos meus pais José Juarez Alves de Freitas e Maria Claudecir de Freitas pelo carinho, amor o qual vem me dando e pela companhia, força e motivação que sem os quais eu com certeza não teria conseguido finalizar o curso.

E finalmente, não menos importante, agradeço ao meu professor e orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos pela confiança em meu potencial, dedicando a mim conhecimentos, tempo e esforços me auxiliando na trajetória acadêmica para conclusão desta etapa da minha vida.

A voz do indivíduo, daquele que viveu é a experiência que, na condição de testemunho, seria capaz de deslizar da experiência para a narrativa dotando-a, e por isso mesmo, de uma capacidade de falar a verdade do acontecido pela via da vida do narrador.

Manoel Salgado

RESUMO

O trabalho analisa o regime militar brasileiro (1964 – 1985) a partir da perspectiva histórico-biográfica. Por meio do estudo da atuação do então governador do Piauí, Helvídio Nunes de Barros (1966 – 1970), identifica as manobras políticas existentes durante o regime militar, bem como suas articulações entre família e política, em vista das exigências do alto cargo de representante do Estado e do conceito representativo que este adquiriu diante do povo. A pesquisa foi embasada na análise de documentos oficiais da época, jornais, livros de reminiscências; livros autobiográficos e bibliograficamente através da apreciação das ideias de grandes autores como Jacob Gorender; Carlos Fico (2004); Daniel Aarão Reis (2004); Alexandre de Sá Avelar (2010); Lívia Beatriz da Conceição (2011); Greyce Kely Piovesan (2007); Marylu Oliveira (2008), entre outros. Diante da necessidade de esclarecer dúvidas sobre fatos, também utilizamos a metodologia da história oral como importante fonte de pesquisa nesse trabalho. Assim o referente trabalho visa levantar questionamentos e promover reflexões sobre um momento histórico e decisivo onde conflitos de interesses foram travados fazendo de todos sujeitos históricos ativos e transformadores.

Palavras-chave: Política. Regime Militar Brasileiro. Piauí. Biografia Histórica. Helvídio Nunes de Barros.

ABSTRACT

The paper analyzes the Brazilian military regime (1964 - 1985) from the historical biographical perspective. Through the study of the performance of the then Governor of Piauí, Helvidius Nunes de Barros (1966 - 1970), identifies existing political maneuvering during the military regime and its joints between family and politics, in view of the requirements of the high office of representative the state and the concept representing that this acquired before the people. The research was based on analysis of official documents of the time, newspapers, books of reminiscences; autobiographical books and Bibliographically by examining the ideas of great authors like Jacob Gorender; Carlos Fico (2004), Daniel Aaron Reis (2004), Alexandre de Sá Avelar (2010); Livia Beatriz da Conceição (2011); Greyce Kely Piovesan (2007); Marylu Oliveira (2008), among others. Faced with the need to answer questions about facts, we also used the methodology of oral history as an important source of research in this work. So regarding work aims to raise questions and promote reflections on a historic turning point where conflicts of interest have been caught doing all active processors and historical subjects.

Keywords: Politics. Brazilian Military Regime. Piauí. Historical Biography. Helvidius Nunes de Barros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - HELVÍDIO NUNES: O HOMEM	15
1.1 A importância da biografia histórica	18
1.2 Vontade de crescer: o percurso escolar e formação de caráter	21
1.3 Família e política: divisões ou união de papéis?.....	24
1.4 Relações Sociais: Helvídio Nunes entre amigos e irmãos	36
CAPÍTULO II - HELVÍDIO NUNES: O POLÍTICO	42
2.1 Repensando o regime político brasileiro nas décadas de 1960 e 1970: Helvídio Nunes eleito Governador.	44
2.2 Governador do Piauí: entre feitos e promessas.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

INTRODUÇÃO

É possível fazer uma leitura de um período através dos sujeitos históricos, suas participações ou não em tramas sociais, decisões políticas, econômicas. Os personagens históricos trazem consigo uma gama de histórias, vivenciadas por eles ou não, contendo significações, simbologias que, através de uma análise apurada e minuciosa desses elementos, pode oferecer novas leituras dos acontecimentos onde o uso da memória individual e coletiva, por exemplo, pode revelar peculiaridades antes despercebidas.

Em vista disso, esta pesquisa faz uma abordagem histórico-biográfica tendo como foco a pessoa do político e até então governador do Estado do Piauí Helvídio Nunes de Barros, no período que compreende os anos de 1966 a 1970. Foram realizadas análises de documentos oficiais (resoluções da câmara municipal de Picos), jornais da época (O Dia, Jornal do Piauí, Estado do Piauí), depoimentos de familiares (Carlos Luís de Barros, Inácio Baldoíno) entre outros, para perceber de perto como os representantes políticos do Piauí atuaram no período ditatorial colocando em evidência as atuações do governador já citado.

É abordado também neste trabalho, as articulações políticas que o levaram a ser governador, visto que o voto na época era indicativo e se faziam necessários artifícios e manobras políticas para obter êxito e status. Foi observado e analisado o governador do Estado no âmbito familiar e como as relações entre o homem e o político eram articuladas em meio a um ambiente onde o nome e o prestígio da família remetem a um referencial simbólico e significativo num contexto onde as decisões envolvem uma conjuntura social imersa em tradições familiares. Assim foi possível perceber como se davam as relações políticas e sociais durante o período compreendido pelo regime militar.

A aparente aceitação da população piauiense, em vista de um regime tão violento mostra a princípio um comportamento de apatia por parte de alguns e de ignorância, por não entender a ditadura, por parte de outros, e ainda de revolta por parte dos que foram diretamente afetados com as decisões e repressões às ideias contrárias ao regime. Assim, o estudo também envolve a reflexão sobre a representatividade do governador reconhecido como símbolo da cidade piauiense de Picos e sendo este homenageado através da atribuição do seu nome em obras públicas como estádios, fórum, avenidas, escolas, universidades, praças.

Em todo o Piauí podem ser vistas obras públicas que prestam homenagem a esse político que marcou a história do Piauí como tantos outros, principalmente devido a sua atuação em grande parte do Estado atendendo a demanda do interior e da capital. Entre as

muitas homenagens, na cidade de Picos, temos o fórum da cidade que leva o seu nome, o Estádio Municipal localizado na Rua Monsenhor Hipólito e inaugurado em 5 de junho de 1957, cuja homenagem se deu devido a idealização do estádio por parte do próprio Helvídio Nunes, a Universidade Federal do Piauí, campus de Picos, que mesmo com início das suas atividades pedagógicas em 1982 recebeu o nome de Campus Senador Helvídio Nunes de Barros em 21 de Setembro de 1988.

Ainda temos a Câmara de Vereadores de Picos criada em 12 de novembro de 1984 com a lei sancionada pelo prefeito de Picos Abel de Barros Araújo; e também uma das principais avenidas da cidade, a antiga Avenida Brasil, que acompanha a antiga Tranzamazônica – BR 316 e liga o centro de Picos ao posto fiscal do povoado de Morrinhos última zona rural da cidade leva o seu nome. A mudança do nome da avenida se deu devido a um sancionamento feito pelo então prefeito de Picos Edvarton Barros de Deus Nunes, em 21 de março de 2001, assim foi justificada a mudança do nome:

Ao propor o nome do homenageado, creio interpretar a unanimidade da opinião pública de Picos, que nele teve de seus mais ativos capazes e ilustres membros. Prefeito Municipal, Deputado Estadual, Secretário de Estado, Governador do Piauí e Senador da República, sempre manteve residência fixa nesta cidade, e, por onde andou, por onde passou, nunca abdicou da condição de picoense, sempre lutando com todas as forças de que dispôs, pelo progresso, pelo engrandecimento de Picos e dos Picoenses. Ele foi quase tudo que um político de sucesso pode ser. Certamente, gostaria de ser lembrado em sua terra natal por essa justa homenagem de ter seu nome denominando importante avenida. (Câmara Municipal de Picos, projeto de Lei 2.045 de 21 de Março de 2001).

O trecho descrito acima foi retirado do documento oficial do projeto de lei da Câmara Municipal de Picos, entre os demasiados elogios proferidos à pessoa de Helvídio Nunes é possível observar dois indicadores: o primeiro é a data da sanção 21 de março de 2001, aproximadamente há quatro meses após o falecimento do político. Isso indica possivelmente que de certa forma os oficiais do legislativo ainda estavam comovidos pela morte de Helvídio Nunes e como atributo apoiaram a revogação da antiga lei que nomeava a avenida de Avenida Brasil, e a sanção da nova lei. O segundo indicador é que o prefeito que sancionou a lei de mudança é da mesma família de Helvídio Nunes. Então, podemos perceber que há uma manobra política para perpetuar a memória da família Nunes de Barros. Essas questões dentre outras faz desse trabalho um importante instrumento de análise das relações de poder entre políticos e famílias na cidade de Picos.

A elucidação das articulações políticas ocorridas para a ascensão do político Helvídio Nunes de Barros, nessa época a governador, representa uma análise profunda do jogo de interesses que determinava o destino de um povo e que hoje mesmo com uma nova roupagem ainda define, reddecorando aspecto de épocas passadas e que são vigorantes principalmente no contexto político e familiar. Assim o aspecto tanto do político quanto de homem comum, cidadão, é de uma importância fundamental para perceber a história e entender, se possível, todos os sujeitos envolvidos na trama e seus interesses, como eles foram alcançados e se foram alcançados em sua plenitude. Tudo isso para um apanhado geral, contextualizado, interessante e que possa somar às discussões já realizadas na academia.

Portanto, a pesquisa é uma leitura minuciosa sobre a percepção do regime ditatorial tendo como delimitação o Estado do Piauí na ação dos governantes e do representante piauiense do governo Helvídio Nunes de Barros, para uma verificação do período e das articulações políticas, sociais e culturais, visto que as decisões quer políticas, quer econômicas, quer sociais afetam diretamente a cultura de uma sociedade, fazendo dela passível de mudanças e transformações.

O tema e o foco foram escolhidos devido a um interesse particular de entender a situação do Piauí no período da ditadura e como um representante picoense digamos de tão grande poder e prestígio na política, tem uma representação importante e como ele conseguia conduzir seus anseios políticos e preservar estreitas relações familiares em um contexto de difícil definição de interesses e de constantes lutas por mudanças.

Assim, o estudo em questão contribui para o entendimento de questões significativas ao processo de formação intelectual, onde a compreensão dos fatos passados ajuda a entender ações do presente em uma contextualização oportuna para descobrimento e reflexão de articulações que transformaram aspectos de uma época e que hoje ainda pode-se perceber vestígios de atuação.

O propósito da pesquisa sugere uma releitura, ou até mesmo um aprofundamento do tema ditadura, mas com um aspecto diferente que vem de encontro com a necessidade de entender ações e reações tanto por parte do público ativo no processo como por exemplo os políticos e familiares, jornalistas, escritores, como também de pessoas que o viam com desinteresse as discussões políticas partidárias, tenham elas vínculos ou não com o Estado, mas que não deixam de serem sujeitos históricos mesmo que passivos ao processo de mudanças ocorrido no Estado com a ditadura.

Contudo foi escolhido como foco de pesquisa o político Helvídio Nunes de Barros, onde se pretende através de uma análise de sua atuação política perceber o tema ditadura e o

envolvimento dos sujeitos no recorte espacial do Estado do Piauí, mais precisamente no período que compreende os anos de 1966 a 1970 e perceber as articulações e as relações políticas e familiares que o fizeram representante do Estado, e um importante símbolo na cidade de Picos chegando até ser reconhecido como “o picoense de maior ascensão política”¹.

O tema é relevante devido a importante presença de Helvídio Nunes nas decisões políticas do Estado na época ditatorial e a representatividade que foi atribuída a ele através de nome de ruas, prédios públicos, enfim, torna-se imprescindível um estudo dos fatos e uma análise da documentação oficial da época e de depoimentos para que se possa entender as seguintes questões: 1- Quem foi Helvídio Nunes e porque ele recebeu muitas homenagens em Picos? Como se constitui a imagem do homem político do homem de família. 2- Como Helvídio Nunes articulava as questões familiares com as questões políticas do Estado? Ou ainda, 3- Quais foram as articulações que levaram Helvídio Nunes ao governo do Estado do Piauí?

Esses questionamentos foram norteadores para a elucidação de fatos importantes da história de nosso Estado principalmente tendo como plano de fundo uma época onde o regime militar dificultava a atuação e o desenvolvimento de estratégias que favorecessem o crescimento do Estado através de pensamentos autônomos e reflexivos, necessários para a conscientização do povo, este, inserido numa sociedade complexa e tradicional.

O trabalho foi dividido em dois capítulos onde é realizada uma reflexão sobre os dois lados de Helvídio Nunes, o de homem (esposo, pai) e o de político. Numa tentativa de analisar as contradições existentes ou não entre os papéis desenvolvidos por Helvídio Nunes nos ambientes familiar e social.

No primeiro capítulo *Helvídio Nunes: O Homem* é analisado a vida de Helvídio Nunes no ambiente familiar e a importância das relações familiares para a ascensão do político. A participação de Maria Teresinha Nunes de Barros, esposa de Helvídio Nunes, é significativa para o êxito do então Governador do Piauí. Nesse aspecto também é realizada uma comparação da primeira dama do Piauí com Evita Perón, a primeira dama da Argentina para pensarmos o papel feminino como importante estratégia para ascensão dos políticos Helvídio Nunes de Barros e Juan Domingo Perón.

No segundo capítulo *Helvídio Nunes: O Político* aborda as manobras e conchaves que o político Helvídio Nunes utilizou para eleger-se Governador do Piauí em um período de

¹ SOUSA, Francisco das Chagas de. Homenagem: 10 anos da morte de Helvídio Nunes 19/11/2010. Disponível em: http://www.jornaldepicos.com.br/noticia_detalhe.php?id=1775. Acesso em: 23/01/2013

instabilidade política do Regime Militar. O apoio de Petrônio Portella e a relevante participação no Piauí dos militares com ideologias e projetos desenvolvimentista possibilitaram a realizações de obras públicas importantes para o Piauí, promovendo uma imagem positiva do político no Estado. Em suma é destacado neste capítulo como a conjuntura política da época (1960 e 1970) e as relações sociais fizeram de Helvídio Nunes um político de destaque no cenário político e social.

CAPÍTULO I

HELVÍDIO NUNES: O HOMEM

“Helvídio Nunes de Barros...baixinho e grande ao mesmo tempo...um cidadão de confiança e de respeito!” (Olívia Rufino)²



Figura 01: Helvídio Nunes de Barros
Fonte: BARROS, Helvídio Nunes de. Instantes de uma vida, Brasília, 1981.

Helvídio Nunes de Barros, nasceu em 28 de setembro de 1925 na cidade de Picos, Piauí, filho de Joaquim Baldoíno de Barros e Isabel Nunes de Barros, casado com Maria Teresinha Nunes de Barros. Formado em Direito, ingressou na política em 1955 como prefeito da referida cidade, teve uma carreira ascendente como Deputado Estadual de 1959 a 1966 (dois mandatos), governador do Piauí de 1966 a 1970 e em 1978 foi indicado a senador biônico. Saiu da vida política e se dedicou a rádio Difusora de Picos, que ajudou a fundar. Publicou 7 (sete) livros contendo alguns de seus discursos e um livro de humor onde podemos contemplar suas memórias sobre acontecimentos históricos, mas vista numa

² Olívia da Silva Rufino Borges, nascida no povoado de Croatá a 18 km de Picos, em 19 de abril de 1934, filha de Antônio Rufino da Silva e Benedita Maria dos Santos, formada em magistério, se filiou ao partido UDN em 1959, em 1976 candidata-se a vereadora de Picos.

perspectiva cômica. Faleceu no dia 03 de novembro de 2000 na referida cidade vítima de ataque cardíaco.

As publicações e discursos sobre o político em evidência tornam a pesquisa mais dinâmica e interessante. Os fatos se constroem e se desenvolvem num ambiente de diversas opiniões, por vezes contraditórias, delineando a história dos acontecimentos numa visão do presente, em que os sujeitos elegem memórias, sejam elas individuais ou coletivas, em que um personagem central é relacionado com a época e com acontecimentos históricos apropriando-se dessa memória como identidade que se busca e se defende. Essas tensões em torno da memória são compartilhadas pelo sociólogo francês Michael Pollak (1992, p.7) “em momentos que ocorrem as cisões e a criação, sobre um fundo heterogêneo de memória, ou de fidelidade à memória antiga, de novos agrupamentos”.

A memória do indivíduo como afirma ainda Eliane Dutra (2002) é um elemento determinante para a análise das *culturas políticas* – o contexto histórico que influencia as ações do indivíduo estudado, desde seu nascimento - visto que agrupa os acontecimentos do passado e associa por si mesmo a práticas políticas atribuindo a lugares de memória, políticas de conservação do patrimônio, cerimônias, rituais, enfim, é a memória que cristaliza eventos e acontecimentos e os difunde. Esses valores atribuídos pela memória à fatos formam *cultura política* e esta se insere nas motivações políticas, bem como na sua praxes explicando conceitos defendidos e vividos pela pessoa do político.

É importante ressaltar a existência de muitas análises sobre o conceito de cultura política, visto que essa envolve o político em suas decisões e maneira de agir delineando um pensar diferente, talvez único, ou ainda uma ideia que se homogeneíza com contextos históricos já existentes através de integrações solidárias onde o ator desenvolve ideologias já interiorizadas desde a convivência familiar e suas práticas cotidianas de sociabilidades, como afirma Serge Bernstein:

[...] a cultura política é resultante da multiplicidade de fatores de uma composição de influências diversas, oriundas de várias dos vários vetores por onde passam a integração da cultura política, o que nos interdita dizer pensar que uma influência exclusiva se exerce sobre os indivíduos e a coletividade. Isso por que os canais dessa integração estão colocadas na família, que forneceria uma primeira bagagem política; na escola, que se ocuparia em transmitir e socializar referências básicas de uma cultura política; nos grupos de convivência social, por onde circulariam os cidadãos, tais como a igreja e os locais de trabalho; também partidos e nas sociedades políticas; na imprensa, no rádio e na televisão; que forneceria aos indivíduos e aos grupos uma chave de leitura do real. (BERNSTEIN *apud* DUTRA 2002 p.26).

Ao mencionar as atividades diárias, como integrantes na formação de uma *cultura política*, o autor propõe uma análise sobre a influência do contexto social e temporal para a formação de valores e ideologias desenvolvidas na prática do político. Seguindo esse pressuposto podemos afirmar que a conjuntura vivenciada pelo governador Helvídio Nunes influenciou sua práxis administrativa e fez com que suas atividades no Piauí se aproximassem das já praticadas em outros estados do Brasil, compartilhando de uma sintonia com os eventos do período ditatorial.

Ao estudar o indivíduo no seu ambiente relacionamos inúmeras leituras de mundo realizadas pelos atores na história, pois eles partilham de interpretações, preposições e dão significados a símbolos e ritos que segundo Eliana Dutra (2002 p. 26 e 27), formam “identidades coletivas” ou “fenômenos coletivos”.

Nas relações entre a política e a cultura formadora do político, podemos ainda destacar as estratégias que os caracterizam como líderes do povo, entre elas, as ações individuais – atitudes e decisões diárias – e a interiorização de memórias vividas ou conhecidas pelo político. As estratégias são norteadoras para entender os pressupostos defendidos e argumentados como sendo ideais para ações administrativas e possível êxito no programa de governo, mas não podemos deixar de perceber que as ações podem condizer com o momento político estabelecido no contexto geral, como por exemplo, governador Helvídio Nunes que assumiu o governo do Piauí em 1966 no período de restrições, cassações e repressão.

O Regime militar trouxe ao Brasil hoje, uma conotação de atraso, de restrições, de punições arbitrárias onde o fazer-se político se tornaria difícil se fosse oposição ao governo. Como não foi o caso de Helvídio Nunes que foi eleito pelo partido da ARENA, que pode contar com o apoio do regime para colocar em prática seus planos e projetos e servir também aos pressupostos que consolidaram o regime.

A discussão até aqui realizada apresenta o político Helvídio Nunes como um participante ativo dos pleitos políticos no contexto de 1966 a 1970, tornando-se dessa forma um importante instrumento de análise para elucidação dos fatos ocorridos nessa época, tanto como articulador de estratégias políticas, quanto participante coletivo de memórias selecionadas por um agrupamento de pessoas que participaram do seu convívio direta ou indiretamente e que deixaram marcas que precisam serem observadas para completar um panorama historicista, na “interiorização dos valores da micro política de pontos referentes e adequados à macro política percebendo pontos de contato entre elas” (DUTRA, 2002, p. 28).

1.1 A importância da biografia histórica

Escrever uma biografia histórica, como a sugerida no presente trabalho, constitui-se uma tarefa complexa em vista dos discursos e das propostas que envolvem esse método. No entanto, através das leituras realizadas, pode-se perceber que apesar da ideia não ser novidade, ainda sim há uma necessidade de avaliar o conceito de biografia histórica, para então utilizar com propriedade esse artifício, ou estratégia de reflexão sobre os acontecimentos históricos. Portanto, acreditamos que:

As pesquisas biográficas tornam possível o redimensionamento de várias problemáticas concernentes à escrita da história e às relações sociais. Elas evitam a formulação de paisagens monolíticas do passado mostrando, ao contrário, que se as condições de desigualdade entre os indivíduos limitam o campo de possibilidades e de escolhas, sempre deixam margem de manobra, através das quais os homens podem se movimentar socialmente e promover mudanças, mesmo que pequenas em seu meio. (SOUZA *apud* AVELAR 2010, p.170).

Assim, concebemos biografia histórica como sendo a arte de descrição da vida de alguém para se construir uma versão dos acontecimentos históricos. É uma micro história que amplia a visão da macro história. (AVELAR, 2010; CONCEIÇÃO, 2011; PIOVESAN, 2007). Nos apropriamos desta concepção para pensar o político, o pai, o esposo e o amigo, Helvídio Nunes de Barros, isto é, relacionando sua vida pública e privada teremos um apanhado maior do que foi a ditadura aqui, no Piauí, e como as pessoas viam o representante do povo num sistema tão complexo como o ditatorial.

A escrita biográfica foi bastante criticada por historiadores inicialmente da Escola dos Annales com Lucien Febvre e Marc Bloch e acentuada pela Nova História, nascida dos *Annales* que tinham a concepção da importância de se privilegiar o “fato social total” (PRIORE, 2009). Assim, na visão inicial desses autores a impossibilidade de captar o todo através do universo de uma só pessoa prejudicaria a legitimação na concepção e análise dos acontecimentos históricos. Por sua vez a influência marxista estruturalista também marcou a nebulosidade temporária do discurso em forma de biografia, pois este também priorizava a análise de fatos a partir do viés econômico estrutural e até mesmo determinista como única possibilidade de apreender a totalidade dos fatos.

E por fim, as maiores críticas giravam em torno da restrição ao objeto estudado e a tendência de exaltar o biografado. Também foi ressaltada a falta de contextualidade e objetividade essencialmente necessária para a compreensão do tema estudado, como afirma o

Sociólogo Pierre Bourdieu que “a subjetividade da biografia histórica é capaz exclusivamente de reconstruir a vida de forma artificial, mesmo absurda [...] a história de vida é uma dessas noções de senso comum que entraram, de contrabando no universo erudito” (BOURDIEU *apud*, PRIORE, 2009, p. 09).

Apesar das críticas a esse modelo de escrita, Giovanni Levi se utiliza da forma biográfica para elucidar seus estudos sobre as formas hierárquicas de poder no Antigo Regime Italiano. Mas ele ressalta a importância do historiador em estar atento as dificuldades que essa abordagem sugere, desde a forma de sua escrita, até a análise de discurso e mentalidades atribuídas aos atores-foco da pesquisa.

Três problemas sérios a serem tratados pelos historiadores que trabalham com biografias. O primeiro deles diz respeito ao papel das incoerências entre as próprias normas do meio social; o segundo ao tipo de racionalidade que se atribui aos atores que participam da biografia escrita; e por fim, a relação entre os indivíduos e o grupo que pertencem. Trata-se, sobretudo, de problemas de escalas e de pontos de vista. (LEVI *apud* PIOVESAN, 2007. p.05).

Ao se perceber as incoerências do processo biográfico cabe ao historiador lidar com os obstáculos sem perder de vista a impossibilidade de apreensão do todo essencial do sujeito biografado. Sendo, portanto, favorável a descontinuidade da vida para sua escrita e, esta, deve ser aproveitada de maneira a mostrar os acontecimentos ocultados ou as lacunas na linearidade dos acontecimentos. Essa descontinuidade também se configura como objeto de pesquisa e deve ser avaliada, pois como Piovesan (2007, p.5) – apropriando-se do pensamento de LEVI, 1989 - afirma com propriedade “a importância da biografia é principalmente de mostrar as incoerências dos sistemas de normas e seu efetivo funcionamento, autorizando a diversificação das práticas individuais”.

E por que estudar a história política se muitos cientistas, principalmente da escola dos Annales e Nova História, afirmam ser uma incoerência, pois a vida não se limita a política? A reflexão que René Remond (2003) faz sobre esse tema é importante para legitimar a biografia histórica no âmbito político:

Se o político é importante, se é possível pensar hoje em dia que ele faz necessariamente parte do percurso, qualquer que seja a atividade, que ele constitui um dos pontos de condensação da sociedade, é preciso dizer também que nem tudo é político, que não se deve reduzir tudo a política, que o político não está sozinho e isolado, mas guarda relações com o resto, com

as demais expressões da atividade humana e com a sociedade civil. (REMOND, 2003 p. 19)³

As palavras de René Remond ajudam a legitimar a escolha do objeto de pesquisa aqui estudado, visto que estudar a vida de uma pessoa que esteve atuante no meio político pode também oferecer subsídios para interpretação historiográfica sobre acontecimentos no tempo e no espaço. Sendo assim, a biografia política e histórica, nas palavras dos autores até aqui estudados - Alexandre de Sá Avelar (2010); Livia Beatriz da Conceição (2011); Greyce Kely Piovesan (2007) - mostram a importância desse referencial de pesquisa essencial para a compreensão dos acontecimentos que envolvem a história de indivíduos numa reflexão dinâmica, sendo, portanto um importante mecanismo de entendimento das escolhas individuais, das liberdades de ação, mesmo restritas e certamente incertas e instáveis dentro do contexto normativo, social e político.

A biografia enquanto “método”, atualmente, vem ganhando mais espaço na academia devido à sua abrangência dos fatos históricos. Com uma nova roupagem, a pesquisa biográfica procura entender a conjuntura tempo-espacial através da vida de um sujeito, visto que suas ações são analisadas, agora, como imbuídas de influências que podem ajudar a desvendar aspectos e fatos históricos que geralmente passam despercebidos. As singularidades e *flashes* de memórias oferecem novos aspectos para serem observados, que explicam ações e reações dos sujeitos envolvidos através da análise de detalhes antes ignorados.

As biografias nos permitem compreender, de uma forma privilegiada, as tensões do contexto nos quais são produzidas, isto é, perceber a própria temporalidade do conhecimento histórico, daquilo que Marc Bloch (2001) chama de história problema – a busca pelos homens, ao escreverem a história, de respostas para questões de seu tempo. (STEFFENS, 2010, p.14).

A biografia histórica é a que mais privilegia os detalhes, estes são os que fazem a diferença na história, que recontam fatos através das peculiaridades e observa na temporalidade os problemas que explicam o presente, no nosso caso, a política da cidade de Picos. Essa reflexão oferece possibilidades de análises diretas das articulações políticas, bem como a importância da representação das famílias nesse cenário e a reação dos diversos sujeitos históricos no contexto do regime militar (de 1964 a 1985), que é o período central de análise.

³ Discurso pronunciado por René Remond na Conferência da CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação) traduzida por Anne-Marie Milon Oliveira.

Nesse capítulo analisaremos o percurso escolar de Helvídio Nunes, a vivência com a esposa e filhos, sua relação com os amigos correligionários, vida social, enfim, essa abordagem se faz importante para entender suas atuações políticas e atitudes em meio as diversidades administrativas, assim também compreenderemos como se criou uma imagem tão positiva de um político cuja a atuação se deu em meio a um regime conturbado, onde as rivalidades políticas retratam um cenário de disputas e conflitos em busca de hegemonia e prestígio social.

1.2 Vontade de crescer: o percurso escolar e formação de caráter

Proveniente de família abastada, Helvídio Nunes desenvolveu sua escolaridade fora do estado do Piauí, primeiramente na cidade do Crato no Ceará e depois concluiu seus estudos se formando em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro - conhecida como Universidade do Brasil.

Helvídio era uma pessoa diferente de muita gente, desde novo ele sempre procurou estudar aumentar os conhecimentos, ele fez o ginásio naquela época em Crato no Ceará, depois veio pra cá [Picos] e, ele tinha uma irmã morando no Rio de Janeiro e, ele foi pra lá e lá ele fez o curso científico, naquele tempo era científico e fez Direito no Rio de Janeiro, na Faculdade Federal do Rio de Janeiro. (BARROS, 2013) ⁴.

Por meio da análise do depoimento de Inácio Baldoíno de Barros percebemos que o contexto social local apresentava uma realidade em que poucos tinham a oportunidade de continuar os estudos. Segundo o depoente Dagoberto Araújo Rosa, nas décadas de 1930 e 1940, em Picos e no Piauí não havia escolas de Ensino Secundário, se restringindo apenas a escolas alfabetizadoras. Vale apenas ressaltar que em Picos havia uma escola particular, no qual o professor Miguel Lidiano preparava os alunos para o ensino de preparação com aulas de Francês, Inglês, Álgebra, Juros e Correções. Segundo o depoente Dagoberto de Araújo Rocha

[...] quando em Picos não se falava em faculdade de nada, o professor Miguel Lidiano, montou um colégio particular, onde ensinava Francês, Inglês, Álgebra, Juros e Correções, um mundo de coisas que... quando o

⁴ Inácio Baldoíno de Barros, primo de Helvídio Nunes, nasceu em 10 de setembro de 1933, filho de José Baldoíno de Barros e Antônia de Moura Barros. cursou o colegial na escola Colégio Diocesano em Teresina e mais tarde deu prosseguimento aos estudos, formando-se em Pedagogia em 1982. Assumiu a Superintendência Regional de Educação de Picos em 1979.

aluno saia de lá, naquele tempo não se chamava vestibular não, se chamava assim...Curso Preparatório. Então o sujeito quando saía passava tranquilo, pois esse colégio era superior a outros da região. (ROCHA, 2013)⁵.

Então, pode-se perceber que apesar da cidade, mesmo que de maneira incipiente, oferecer algumas disciplinas diferentes ao habitual (Matemática, Português, Ciências, Estudos Sociais) esses cursos que envolviam contabilidade, línguas, segundo os depoentes, não era muito procurado, sendo assim quando o jovem optava pela área jurídica, ou de saúde era, portanto, necessário ir em busca de escolas principalmente no Ceará, como foi o caso de Helvídio Nunes, e também em Recife – Pernambuco.

No entanto, segundo os depoentes Olívia Rufino e Inácio Baldoíno, o estudo não era muito apreciado pela população, visto que suas prioridades estavam nas atividades do campo, numa sociedade predominantemente agrária. As pessoas de pouca posse tinham que trabalhar para o sustento da família e, entre os abastados poucos tinham o interesse em prosseguir com os estudos, se limitando apenas à conclusão do Ensino Secundário, assumindo os negócios da família, principalmente nas fazendas. Dentre as atividades educacionais superiores a formação mais almejada e de mais prestígio se resumia a Medicina e Direito, sendo, portanto, as mais procuradas.

À sociedade da época (1940 – 1950), ser formado nos cursos apontados acima era um orgulho para as famílias, motivo este até mesmo de competição entre estas elites econômicas, pois como ressaltam unanimemente todos depoentes ‘toda família que se prese tem um filho advogado, ou médico’. Assim, sem fugir das regras sociais das famílias abastadas, Helvídio Nunes optou pela carreira jurídica onde, após concluir o Ginásio, no Colégio Ginásio de Crato, na cidade de Crato no estado do Ceará. Viajou para o Rio de Janeiro para cursar o Científico no Colégio Pedro II, e ingressou na conhecida Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil – atual UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1945.

Como universitário ingressou nas atividades políticas em 1947, sendo Diretor – redator-chefe de “Crítica”, do órgão do Centro Acadêmico “Candido Oliveira” na instituição onde estudava, tendo contato com as ideologias político-partidárias e com os conflitos presentes no fim do governo de Getúlio Vargas e início do governo de Juscelino Kubitschek. É bem provável que as ideias populistas e desenvolvimentistas adotados por esses governantes tenham impregnado suas ideologias políticas na medida em que ao regressar à sua cidade

⁵ Dagoberto de Araújo Rocha, filho de Deolindo de Araújo Rocha e Rosa Caminha Rocha, picoense nasceu em 03 de maio de 1931, formou-se no Curso de Comércio, que para os dias atuais corresponde a Ciências Contábeis. Bancário do Banco do Brasil por 10 anos e por quatro anos serviu ao povo como Vereador da cidade de Picos.

natal, Picos, tenha trazido, ou tentado implantar, em suas atividades diárias, ideias desenvolvimentistas e trabalhistas. Ao retornar a Picos em 1950 atuou inicialmente como advogado, com novas metodologias de trabalho que defendiam a equidade de direitos dos trabalhadores. Essa forma de trabalhar atraiu a clientela e despertou a rivalidade dos colegas de profissão e dos coronéis locais.

A cidade de Picos era predominante rural. A extensão dos direitos trabalhistas aos trabalhadores rurais (política desenvolvida no Governo de Juscelino Kubitschek) ainda encontrava resistência por parte dos coronéis locais, sendo, portanto motivo de desavenças entre os coronéis, seus advogados, e Helvídio Nunes.

Podemos atribuir às ideias defendidas por Helvídio Nunes e a maneira de expressá-las publicamente, às experiências vividas no Rio de Janeiro, onde teve o primeiro contato direto com a política partidária, que alterou significativamente sua maneira de pensar e de se relacionar com os amigos (correligionários ou não) e com a família. Essa influência do Rio de Janeiro na vida de Helvídio Nunes é ressaltada no depoimento de um de seus contemporâneos - o senhor Inácio Baldoíno de Barros.

Quando ele chegou a Picos, vindo do Rio de Janeiro ele montou o seu escritório, uma bancadinha de dois lugares e começou a trabalhar, trabalhava muito, então aqui já tinha advogados mais velhos que viviam aqui, poucos, pouquíssimos e não admitiam de bom gosto aquela intromissão dele chegar e... como um advogado que vinha do Rio de Janeiro naturalmente foi muito procurado e com suas ideias de democracia, de ajudar o povo e assim ele ganhou amizades de uns e inimizades de outros chegando até a ter a polêmica com outro advogado que não vou citar o nome e com outras pessoas inclusive com o juiz José Vidal de Freitas⁶. Venceu tudo, tornando amigo de todos, mas nunca foi intrigado de ninguém. (BARROS, 2013).

No depoimento de Inácio Baldoíno percebemos sua intenção de destacar o fato de que Helvídio Nunes sempre teria sido um vencedor, obtendo êxito nas disputas em que participava. No entanto, é interessante notar que em outro depoimento ao ressaltar um dos conflitos com o juiz e professor José Vidal de Freitas, ele não teve a aprovação das suas reivindicações. Este conflito referia-se ao Rio Guaribas, que segundo o então advogado Helvídio Nunes, deveria ser patrimônio da nação brasileira. No entanto, Vidal de Freitas defendia o rio como patrimônio do povo picoense. Como ressalta Dagoberto de Araújo Rocha:

⁶ José Vidal de Freitas nasceu em Oeiras, aos 15 de novembro de 1901, e faleceu aos 19 de junho de 1987. Na época estudada (1965) ele ocupava o cargo de Juiz, na comarca de Picos. Foi um conceituado professor, principalmente por sua ligação estreita com o Ginásio de Picos a atual “Unidade Escolar Vidal de Freitas”, do qual foi fundador.

Aqui tinha um juiz, uma sumidade de cultura, ele era crente, José Vidal de Freitas... então os rios de todo o Brasil são públicos, exceto esse Rio Guaribas. Helvídio queria porque queria que ele fosse, como todos os outros, de toda a nação, mas Dr. Vidal entendeu que o rio tinha que ser particular tendo em vista que aquele rio era o sustentáculo de milhares de famílias que plantavam alho e cebola. A questão rolou e foi até o Supremo Tribunal de Justiça, e o resultado é que o Rio ficou pertencente ao povo de Picos...foi um ruge, ruge danado... E Vidal dizia assim, lá no colégio onde ensinava... meninos, vocês já ouviram aquele advogadozinho, baixinho me xingar muito na rádio...veja vocês que nem sempre devemos fazer o que os inimigos da gente quer que a gente faça, pois o que ele quer mesmo é que eu vá xingar ele e ele me julgar suspeito de usar a escola para agredir, mas eu não vou fazer isso... (ROCHA, 2003).

Então apesar de ter uma carreira ascendente o político não estava isento de derrotas e mesmo com suas reivindicações com relação ao patrimônio público ele teve opositores fortes como no caso do professor Vidal de Freitas, que o derrotou na questão do Rio Guaribas acima relatado.

No entanto, cabe ressaltar mais uma vez que o objetivo de Helvídio Nunes com relação a essa disputa de tornar o rio um patrimônio da nação, está imbuído da ideia de nacionalidade, adquirida quando este ainda cursava direito no Rio de Janeiro, reforçando a impressão de que essa convivência com o regime pós-ditadura do Estado Novo e as concepções adquiridas dos militantes esteve presente na formação da consciência política do advogado e futuro governador do Piauí, e isso perpassa toda a sua vida política e familiar.

1.3 Família e política: divisões ou união de papéis?

A instituição família ao longo do tempo vem se caracterizando como base da formação do indivíduo. É o ponto de partida para a vivência e socialização entre os seres onde o contato direto ou indireto é essencial para a consolidação dos relacionamentos. Essa proposta fundamenta o pensamento de que a influência sofrida pela família parte dos contatos que os membros têm com os próprios familiares e com o mundo ao seu redor. No entanto, é importante ressaltar que essa influência permeia as relações sociais e que é um determinante no caráter refletindo, portanto, em suas ações.

Na década de 1940 e 1950 a família era predominantemente patriarcal, onde o papel masculino era de fundamental importância na condução dos mais variados aspectos da vivência desde as relações de afetividade, provisão financeira do lar, normas e hábitos de boa conduta até mesmo as relações sociais eram direcionada pelo chefe familiar. Segundo Pedro Vilarinho Castelo Branco:

As relações familiares deviam ser pautadas no respeito e dedicação da mulher. O homem tinha, como garantia da sua supremacia na esfera familiar, o amparo legal que lhe colocava como cabeça do casal, e ainda toda herança de tradições patriarcais que valorizava os papéis masculinos de pai e marido. Outro aspecto relevante dessa supremacia masculina na esfera familiar era o fato dos homens, principalmente da elite, exercerem funções nos lugares públicos e neles participarem das questões políticas. (BRANCO, 1996, p.110).

Essa reflexão vem de encontro com o nosso objeto de estudo visto que Helvídio Nunes, participante dessa esfera social se via na responsabilidade como patriarca da família ao conduzi-la e representa-la perante a sociedade. Pedro Vilarinho mostra obrigatoriedade da inserção do homem na esfera pública e política como portador de opiniões e posições partidárias, mas vale apenas aprofundar essa questão no que diz respeito a influência direta da sociedade na vida do homem, não como vítima do meio, mas sim como ator transformador ou não dos valores pré-estabelecidos. Essa questão é notável na conjuntura social da cidade de Picos, pois as famílias mais poderosas estabeleciam normas e conceitos que deveriam ser seguidos rigorosamente.

Como já foi afirmado em linhas anteriores, Helvídio Nunes sofreu influência do contexto que viveu durante sua formação acadêmica. No entanto, durante os depoimentos podemos constatar que as relações familiares, sua vivência na sociedade teve importante papel na escolha do modelo político adotado pelo ex-governador do Piauí, visto que ele se baseia na família, na tradição para ascender politicamente, e o interessante é que em toda a sua atuação política desde prefeito – seu primeiro cargo público – até senador biônico – seu último cargo público – ele continuou a utilizar esse artifício para se manter no poder.

Partindo desse pressuposto podemos entender a importância da família para o estabelecimento do político e de sua carreira. Sua família esteve presente na maioria de suas atuações. Sendo considerada uma família exemplar pelos entrevistados. No entanto, não ficou claro se a família (esposa e filhos) ingressou na política por livre vontade ou foi incentivada ou até mesmo coibida, pelo político ou ainda pela conjuntura social vigente onde o político deve aparecer em público com os filhos e esposa. Esta, como primeira dama do Estado deve por obrigação participar desses momentos.

Os jornais analisados neste capítulo (“O Dia” e “Jornal do Piauí”) constantemente retratavam a esposa Maria Teresinha Nunes de Barros e os filhos Maria Elisabeth, Teresa Mônica, Ana Zélia, Carlos Luis, Verônica Maria e Márcia Maria, juntamente com o ex-governador em diferentes espaços sociais - desde comícios, inaugurações, festas beneficentes, desfiles cívicos, homenagens. A esposa de Helvídio Nunes, especialmente foi representada

como uma mulher culta e mãe exemplar, realçando a importância que a sociedade atribui à figura da família e da esposa.

[...] cabe fazer aqui uma saudação a dona Maria Teresinha Nunes de Barros, que com seu estímulo, carinho, dedicação e trabalho, vem dando a sua parcela para o sucesso do seu marido. A frente do Serviço Social do Estado, nossa Primeira Dama vem também trabalhando pelo engrandecimento do estado [...]. (RAULINO, 1969. p. 2).

O trecho acima demonstra uma visão da sociedade na época sobre a família Nunes de Barros colocando em evidência a dona Teresinha Nunes de Barros e sua importante atuação durante o governo de seu esposo Helvídio Nunes, sendo, portanto, uma demonstração da relevância dada pela sociedade à participação da esposa junto ao marido num mesmo propósito. Também percebemos que a importância dada ao papel feminino como determinante, reflete as discussões sobre o papel da mulher na política. Os colunistas, em sua maioria do sexo feminino, nessa época, ganham espaço nos jornais, nas colunas políticas e sociais e Elvira Raulino, colunista dessa matéria exalta a representatividade feminina como determinante para o êxito do político.

Essa representatividade feminina também foi percebida na atuação de Evita Perón que é tida por muitos como um mito na história da política e do povo argentino. Evita Perón contribuiu com a política assistencialista de seu esposo Juan Domingo Perón, presidente da Argentina por três mandatos (1946-52, 1952-55, 1973-74). Como primeira dama Evita Perón atuou no setor comunitário assistencialista beneficiando principalmente os trabalhadores e os cidadãos mais pobres, estando a frente de construção de escolas e hospitais. No entanto, o que é importante ressaltar no nosso trabalho é a presença forte de Evita Perón durante o governo de Juan Domingo Perón contribuindo para o êxito de seu governo e mesmo com sua morte prematura em 1952, aos 33 anos vítima de câncer no útero, sua influência contribuiu para a reeleição de seu esposo Juan Domingo Perón por duas vezes, e até hoje é lembrada por muitos como um mito, principalmente entre a classe mais pobre.

Mesmo sem ser contemporânea de Evita Perón, pelo menos na época de sua atuação política 1946, Teresinha Nunes também era vista com bons olhos pela sociedade picoense, pois em muitos dos depoimentos recolhidos ela é apontada como uma mulher dedicada, que estava ao lado de seu esposo e que trouxe grandes benefícios ao povo picoense, entre os quais está a criação de um centro de capacitação profissional, que hoje se tornou a Unidade Escolar Teresinha Nunes de Barros, onde oferecia cursos profissionalizantes de corte e costura, bordado, datilografia entre outros, para a população mais pobre. Assim, com as obras

beneficentes Teresinha Nunes foi ganhando prestígio na sociedade picoense e continuou a realizar obras ainda maiores como primeira dama do Estado na capital Teresina.



Figura 02: Maria Teresinha Nunes de Barros.
Fonte: Jornal do Piauí, 1968.



Figura03:Evita Perón
Fonte:http://www.evita-peron.org/evita_peron_photos-es.htm. Acesso em 03/01/2014.

Nas fotografias acima podemos perceber a figura da mulher como representação da participação feminina na esfera política até então direcionada somente aos homens. A fotografia de Teresinha Nunes foi retirada do Jornal do Piauí onde é apresentada entre outras como uma personalidade marcante e atuante da cidade de Teresina, a outra fotografia foi retirada do site oficial de Eva Perón onde ela é apresentada como mulher marcante na história da Argentina. Ambas são reconhecidas pelo trabalho assistencial realizado nas sociedades que representavam.

No entanto, ainda cabe questionar mais uma vez se a participação de Teresinha Nunes realmente era por vontade própria ou imposição social, pois sabe-se que ela era formada em Magistério, teve que deixar a profissão para acompanhar o esposo na vida política. Além disso, teve que se distanciar de sua terra natal, Picos, e de sua parentela para se dedicar a carreira de seu marido. Assim, esta foi encarregada da Secretaria de Assistência Social e da Chefia do Departamento de Estatística no governo Helvídio Nunes. Segundo os periódicos piauienses, como o jornal O Dia, ela desenvolveu muito bem seu papel recebendo elogios de muitos.

Na fotografia abaixo, retirada do Jornal do Piauí, vemos Teresinha Nunes apresentando um programa de ação social no interior do Piauí. Ela instala, na cidade de Porto-PI um Centro de Serviço Social do Estado. Falando da importância do centro, ela ressalta que é sua principal preocupação atuar em todo o Piauí com o órgão que ela representa. No entanto, essa proposta não obteve o êxito esperado, pois as cidades do sul do Piauí não foram contempladas com esse serviço.



Figura 04: Maria Teresinha Nunes discursando na cidade de Porto-PI.
Fonte: Jornal do Piauí, 05 de dezembro de 1968.

A matéria do Jornal do Piauí, que acompanha a foto acima, apresentava Helvídio Nunes como um governador que se preocupava com a infraestrutura e com o avanço do Piauí visando “arrancá-lo definitivamente do subdesenvolvimento”, e mostra que o trabalho assistencialista também faz parte desse objetivo. Teresinha se torna, portanto, um importante instrumento para o êxito do programa governamental sendo reconhecida e homenageada, tanto pelos teresinenses quanto pela população do interior do estado.

O jornal é um importante veículo de informação no qual os leitores tem a possibilidade de ficar cientes dos acontecimentos ocorridos na esfera pública. No entanto, ele está imbuído de pretensões que fazem o leitor absorver ideias pré-estabelecidas e determinadas por ideologias políticas e filosóficas. O Jornal O Dia e o Jornal do Piauí aqui analisados são jornais de cunho governamental de apoio as pretensões do governo, isso pode ser percebido devido a aspectos de noticiários que sempre exaltam os líderes políticos.

No período por nós estudado 1966-1970, época do regime militar, a censura controlava os veículos de informação. Ao tecer comentários sobre o jornal O DIA, a

historiadora Marylu Oliveira (2007), destaca o jornal como pertencente a um Coronel que apoiava o regime, então o jornal continuaria a ser a favor das decisões do governo.

No ano de 1969, ocorreu a mudança do slogan do jornal, que passou a ser “Se ‘O DIA’ disse a notícia existe”. A intenção do slogan era fixar no leitor uma propaganda, um anúncio. Para o slogan ter uma boa receptividade seria preciso a legitimação deste como um dado natural, ou seja, se o Jornal “O DIA” publicou, o leitor não precisaria verificar ou questionar a veracidade da notícia: o fato anunciado realmente aconteceu. Isto tem muito haver com o fato histórico. No Brasil, estava instaurado o regime militar, e acabava de ser anunciado o Ato Institucional n.5[...]. o Jornal não poderia ter um slogan mais compatível com a realidade de uma imprensa censurada. Não caberia ao leitor, naquele momento questionar a veracidade da notícia, mas apenas aceita-la, pois “se o jornal ‘O DIA’ disse a notícia existe”. (OLIVERA, 2007, p.56).

A historiadora Marylu Oliveira via no Jornal O DIA uma importante ferramenta que consolidava a influência política partidária nos leitores. Segundo esta pesquisadora, sua organização editorial e financeira abraçava o regime e, portanto, promovia positivamente as realizações dos políticos, sobretudo do governador Helvídio Nunes de Barros, e por que não dizer de sua ‘ilustre’ esposa?

Não é de se surpreender que o Jornal O DIA anunciasse fatos tão tendenciosos como o trabalho desenvolvido por Teresinha Nunes. Legitimando a posição favorável da família Nunes de Barros na sociedade da época, o jornal apreciava as relações políticas de Helvídio Nunes e, ao noticiar os benefícios de obras assistencialistas de Teresinha Nunes e sua presente atuação entre as mulheres da elite política, refletia confiança e respeito no trabalho de seu esposo, ganhando prestígio e consolidando a posição de destaque a Helvídio Nunes no governo. No trecho abaixo mostra parte da coluna social da conceituada Lili Castelo Branco sobre a primeira dama do Estado.

[...] Teresinha quando comparece as reuniões de senhoras por ela convocadas, o faz sempre de maneira delicada, procurando atender ao que elas sugerem e colocar-se, não em nível de primeira dama e sim de companheira igual a todas [...] Não se observa em Teresinha um gesto, menos atencioso, um senão de orgulho ou superioridade, ela está sempre serena, a mesma, segura do que é sem precisar demonstrá-lo às companheiras. Por isso é bastante estimada e o será até o fim do mandato do seu esposo [...] tenho apreciado-o em ajuntamentos femininos para tratar de festas de beneficência para o Piauí e nunca lhe notei uma lacuna, uma preferência para quilo que alvitra, deixando sempre a critério das senhoras fazer as escolhas dos locais das festas ou resolver as organizações das mesmas. [...] Teresinha Nunes de Barros passará pelo governo como outras tantas já passaram, mas lhes fica atrás nem em preparo, nem em trabalho de benefício ao povo que o seu marido comanda [...]. (BRANCO, 1969).

Nos trechos em destaque podemos perceber a importância que a colunista atribuía a primeira dama do Estado. Esse, assim como outros recortes que tivemos contato sempre ressaltam o trabalho de dona Teresina Nunes como essencial para a promoção positiva da popularidade do político Helvídio Nunes.

Como é possível um jornal que é favorável ao governo não se aproveitar de instrumentos disseminadores de ideologias para representar uma pessoa que aparentemente seja tão desprovida de “orgulho ou superioridade” ou até mesmo sem nenhuma “lacuna” a ser observada? É compreensiva a posição de Elvira Raulino e Lili Castelo Branco em exaltar as pessoas que mantêm seu emprego e sua posição na sociedade, inclusive porque favorecia a participação das colunistas em festas sociais e de prestígio locais e além de assegurar o público leitor de suas colunas.

Mas, voltando ao ponto de discussão que este trabalho sugere, tanto em Evita Perón na Argentina, quanto em Teresinha Nunes no Piauí é possível perceber sua representatividade na vida política no qual seus respectivos esposos são ilustres representantes do Estado. A figura familiar torna-se então essencial para a estabilidade do governo sendo esta passível de críticas ou elogios.

A disponibilidade das esposas em ter que comparecer a eventos oficiais e sociais é um importante ponto a ser destacado, pois a própria sociedade o determina assim. O político visto ao lado da esposa é apreciado pela sociedade e as esposas são sempre destacadas tanto pela presença quanto pela sua aparência e comportamento diante do público. Uma esposa ausente demonstra problemas familiares ou desinteresse pela coisa pública. A figura da mulher na década de 1960 e 1970 dá suporte e estabilidade ao político diante da sociedade, dando uma conotação positiva.

Nas figuras a seguir (5 e 6) observamos Teresinha Nunes e Evita Perón ao lado de seus respectivos esposos Helvídio Nunes e Juan Domingo Perón.



Figura05: Helvídio Nunes e Teresinha Nunes.
Fonte: Barros, Helvídio Nunes de. Instantes de uma vida. Brasília, 1981, p. 82.



Figura06: Juan Domingo Perón e Eva Perón
Fonte: http://www.evita-peron.org/evita_peron_photos-es.htm. Acesso em 10/01/2014.

Em ambas as fotografias além da elegância dos casais, percebemos também a importância de aparições em público destes, juntos eles sempre aparentam o bem estar, a harmonia que o governo precisa parece até depender da estabilidade do casal. É por isso que o governador Helvídio Nunes constantemente aparece, nas inaugurações ou reuniões oficiais ao lado de sua esposa, que sempre é alvo de críticas por parte dos jornalistas ou até mesmo por parte do povo. O figurino, o carisma, o humor, o comportamento é muito destacado pelos colonistas.

Assim, é possível dissociar política das relações familiares? Ou ainda, a família é indispensável na política? No caso analisado podemos perceber a família intrínseca na política cuja participação, as amizades, a influência desta no meio social é um importante veículo de propaganda político-partidária. Mas até que ponto a família está disposta a conviver com a falta de privacidade, de eleitores saindo e entrando, a qualquer hora da residência do político, tendo que abdicar de momentos juntos para compartilhá-los com eleitores ou correligionários políticos? Acerca desse pressuposto temos um importante depoimento do Carlos Luís Nunes de Barros, filho de Helvídio Nunes onde ele afirma que as portas de sua casa se abriam ao amanhecer e só se fechava na hora de dormir.

Ele ajudava as pessoas, a ajuda financeira era uma constante na vida dele, não esse tipo que faz hoje com compra de voto, não, é ajudar aquelas pessoas realmente necessitadas... Isso era o que ele fazia a vida inteira até

mesmo depois que saiu da política as portas da casa eram abertas ele sempre tinha uma mania, que nós inclusive tinha uma certa preocupação porque infelizmente o mundo foi se tornando a cada dia mais violento, mas tanto em Picos quanto em Teresina quando ele acordava mandava abrir o portão e o portão só era fechado quando ele ia dormir.(BARROS, 2013)⁷.

O depoimento acima reflete o ponto de vista de Carlos Luís Nunes de Barros, filho do então governador, sobre a popularidade e representatividade de Helvídio Nunes. Ele relata primeiramente sobre as ajudas financeiras prestadas as pessoas mais necessitadas, mas logo ele isenta o pai de uma possível compra de voto, ora, a prática de comprar o voto é uma constante na história política do Brasil, e no Piauí essa prática ainda é vivenciada pela sociedade. Bem antes do processo eleitoral, os políticos já beneficiam a população para assegurar o ‘voto de confiança’ no momento das eleições, ou ainda apelam para a consciência do cidadão em levar em consideração as benfeitorias que ele fez à pessoa, ou que o seu pai ou parente político já fizera. Ele também relata que após o afastamento da política as ‘portas da casa eram abertas... e só fechavam na hora de dormir’. É evidente que o depoente quer estabelecer uma visão caridosa com relação a seu pai. Também é necessário levar em conta que um político é sempre um político, mesmo quando está afastado do poder ele mantém relações com o partido e trabalha para o êxito dos correligionários, visando manter boas relações e influências.

A memória requer uma atenção especial, pois esta vem carregada de conceitos pré-estabelecidos, memórias selecionadas, silenciadas, ou seja, é necessário sutileza para a captação de falas nas entrelinhas, nos sentimentos, tons de fala, enfim, a memória em si reflete identidade, imagem que se quer passar de si, para si e para os outros (POLLAK,1992).

No entanto, essa seletividade visa sempre beneficiar o ‘protagonista da história’ e por vezes elevá-lo a uma posição de perfeição, no caso do depoente, ele destaca o aspecto positivo, do pai perfeito, da família perfeita. Essa concepção legitima a atuação da família e sua representatividade no contexto e sociedade onde vive, perpetuando a boa conduta dos atores em vista do conceito positivo de tradição que a família tenta preservar ao longo do tempo.

⁷ Carlos Luís Nunes de Barros, natural de Picos, nasceu no dia 16 de novembro de 1961, é filho do ex-governador e ex-senador pelo Piauí Helvídio Nunes de Barros. É engenheiro e diretor de emissoras de rádio. Foi vice-prefeito de Picos entre os anos de 1993 e 1996. Ex-secretário municipal de Saúde e de Obras. Em 2006 foi candidato a deputado estadual pelo PSDB, mas não obteve êxito. Nas últimas eleições em 2010 tentou a candidatura à Câmara Federal, mas teve o pedido de registro indeferido pela justiça eleitoral, a exemplo de agora em 2012.

Essa proposta nos leva a pensar nas afirmativas de Maurice Halbwachs, onde ele defende que as memórias individuais são produzidas a partir das memórias coletivas. A memória individual construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo é “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Essa percepção deve ser analisada considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS *apud* CARVALHAL, 2006 p.02). Essas relações muitas vezes são minadas por ideologias conservadoras que são tendenciosas até mesmo para ausentar o político de estereótipos atuais como no caso de Helvídio Nunes e a compra de voto.

Assim, como já foi mencionado é praticamente impossível dissociar a vida política da vida familiar. Mesmo sem a intenção, o político acaba por envolver a família em suas ações políticas. No entanto, é relevante ressaltar que a vida familiar é prejudicada, não há tempo para discutir relações familiares e também há certo distanciamento entre pai-esposa-filhos, sendo que o pai fica à parte do crescimento e desenvolvimento dos filhos, e principalmente, quando exerce um cargo que requer um comprometimento maior, como o de governador do Estado.

Helvídio Nunes optou por uma política integradora, e para isso ele viajava por todo o Estado visando ter uma participação efetiva na administração das cidades e para isso se ausentava bastante da companhia da família. Assim reforça a ideia de que é muito difícil a divisão entre família e política, mas ao invés disso temos uma união dos papéis, sendo que a família está propensa a abdicar da presença do chefe em muitos momentos. Essa relação entre família e política é destacada no depoimento ora justificador (da ausência do pai), ora ressentido do filho de Helvídio Nunes – Carlos Luís Nunes de Barros.

Não é possível separar a vida política da vida familiar, quem é político acho que não consegue fazer isso, e no caso dele também não, principalmente porque ele era uma pessoa que, enquanto exercia cargos públicos, era comprometida com a causa pública, muitas vezes até deixava de dar uma atenção maior a família porque tinha esse compromisso com o Estado e com o povo...meu pai sempre foi uma pessoa que viajou muito, não tinha hora pra trabalhar, é como um professor que trabalha quatro horas mas leva uma pilha de provas pra corrigir em casa, o político, passa o dia todo na rua chega em casa com dois amigos e quando chega tem mais dois esperando pra conversar...quando acorda já tem gente esperando...eu como filho me sentia até enciumado, desprestigiado, escanteado. (BARROS, 2013).

A política integradora adotada por Helvídio Nunes retratava o contexto vivenciado no Brasil, pois como membro do partido dos militares o governador do Piauí insere em sua política a necessidade de integração das cidades piauienses com a capital Teresina e o Estado

com a Federação. E para isso era indispensável inúmeras viagens do governador por todo o estado e para a capital do país, Brasília, para melhor atender as necessidades locais. Assim é notável que para Carlos Luís Nunes de Barros a ausência do pai nos assuntos familiares fez uma grande diferença na sua vida e na vida de toda a família. Nas palavras proferidas por ele “me sentia enciumado, desprestigiado, escanteado”, podemos notar que ele sentia a falta de maior atenção do pai, e por que não dizer que esse sentimento de ausência também era sentido pela dona Teresinha Nunes, suas filhas e até mesmo pelo próprio Helvídio Nunes, pois como afirmamos em linhas anteriores à família é uma instituição base do ser humano.



Figura 07: Helvídio Nunes discursando na cidade de Porto-PI.

Fonte: Jornal do Piauí, 05 de dezembro de 1968.

Na figura acima Helvídio Nunes discursa em uma festa de inauguração na cidade Porto-PI em uma de suas viagens para o interior com sua esposa Teresinha Nunes. A fotografia também mostra no canto inferior esquerdo seu filho Carlos Luís no colo da mãe bocejando. Talvez a criança estivesse cansada e com sono. No entanto, através desse gesto é perceptível o esforço que a família faz para poder acompanhar o político em suas atividades, se compararmos com o discurso de Carlos Luís Nunes em linhas anteriores podemos perceber que o político envolvia a família e esta estaria sujeita a abdicar do conforto do lar para apoiá-lo. Na figura a seguir temos mais uma vez o filho de Helvídio Nunes, já adulto, acompanhando seu pai em reuniões de trabalho juntamente com Teresinha Nunes.



Figura 08: Foto recente de Helvídio Nunes ao lado de sua esposa Teresinha Nunes e Seu filho Carlos Luís Nunes.

Fonte: Museu Ozildo Albano

Então é possível reafirmar também que dissociar família da política segundo o próprio depoente Carlo Luís Nunes “é impossível”, pois o fazer política envolve valores em torno da família como um todo e essa quando é bem conceituada favorece o êxito do trabalho mesmo que muitas vezes tenha que abdicar de momentos íntimos e essenciais para a formação de uma identidade própria, particular a seus membros.

O fazer político caracteriza-se pelas diferentes ações do indivíduo, pelas várias maneiras ou estratégias que o fazem alcançar lugar de destaque nas relações de poder. O cientista político René Remond (2003) em sua análise sobre as decisões políticas formula a ideia de que o político pode escolher entre várias políticas e que essas escolhas dependem do caminho que a política e suas institucionalizações percorrem, sobretudo em vista do dinamismo da sociedade que é complexa e diferenciada.

Assim, quanto ao político e a família as relações irão se delineando de acordo com as exigências impostas pela sociedade, esta passível a constantes transformações onde o indivíduo, o político, deve se incorporar e assumir uma postura condizente com o tempo, espaço e interlocuções entre os sujeitos ativos nesse processo. Contudo as relações familiares podem ser firmadas diante desse contexto ou podem ser modificadas promovendo uma instabilidade. O certo é que há possibilidades de “manobras” para o político se estabelecer diante dos interesses do coletivo sem se distanciar de seus objetivos, pois “os indivíduos não

são determinados, e existe uma variação que nos remete a outras realidades de ordem imaterial, ligadas as tradições culturais, à educação” (REMOND, 2003, p. 16).

1.4 Relações Sociais: Helvídio Nunes entre amigos e irmãos

De família tradicional e abastada, Helvídio Nunes apreciava muito o ambiente entre amigos, compartilhando antigos hábitos mesmo depois de sua ascensão como governador do Piauí não deixou seus laços fraternos onde sempre dedicava tempo para voltar a sua “amada Picos” e conversar com seus amigos e familiares. Frequentava um barzinho no centro da cidade para se atualizar nas novidades locais e se descontraír. No entanto, quando vinha a Picos ele dava “expediente” aos amigos em sua casa situada no centro da cidade. Lá ele recebia as pessoas que o procuravam em busca de ajuda financeira e até mesmos atrás de orientações judiciais.

As relações sociais são, segundo os depoentes, importante base para o estabelecimento do governador e de sua popularidade entre os picoenses visto que este era admirado e bem quisto na sociedade. Em vários depoimentos os sujeitos ressaltam a conduta ilibada do governador. No entanto ao serem analisados levantam questionamentos sobre um homem supostamente tão respeitado, tão importante, mas esquecido pela sociedade picoense. Pois após a sua morte pouco se faz menção ao político, sendo de grande dificuldade encontrar testemunhos que estejam dispostos a falar sobre ele, e quando este é mencionado fazem expressões negativas ou simplesmente se negam a falar como foi o caso do senhor Juciê Monteiro, que todos os depoentes afirmavam ser amigo de Helvídio Nunes, mas este mesmo negara sua proximidade com o ex-governador. Assim, se levanta uma questão: será que Helvídio Nunes era tão quisto como muitos afirmavam categoricamente ser?

O porquê do levantamento dessa questão se explica pelo fato que todos os dados coletados, entre entrevistas e documentos escritos analisados é perceptível a formação de uma ideia de homem perfeito atribuído ao Senhor Helvídio Nunes, bem como a sua família, que apesar do desaparecimento na esfera política ainda é bastante respeitada na sociedade picoense.

Esse simbolismo traz consigo o temor de desprestigiar ou atribuir críticas a imagem de uma família tradicional que desde a época do coronelismo tem bastante influência na cidade de Picos. Isso também pode ser constatado devido a uma percepção pessoal de uma possível rivalidade entre a família Nunes de Barros e a família dos Albanos, outra família tradicional

de Picos, que ao ser contatado para um depoimento se negara a relatar. Deixando claro apenas a participação de Helvídio Nunes na cassação do Juiz da comarca de Jaicós, Ozildo Albano – cidade localizada a 40 km de Picos- atendendo ao Ato Institucional nº 5 do regime militar. No decorrer da pesquisa foi observado que as famílias mencionadas anteriormente eram amigas. A família Albano apoiava politicamente as candidaturas de Helvídio Nunes a prefeito e também deputado, mas depois da cassação de Ozildo Albano despertou uma rivalidade entre as famílias em um sentimento de rejeição e até mesmo de “deboche” quando se fala nos Nunes de Barros, mas mesmo assim não foi relatada nenhuma crítica aberta ao político e sua família.

As memórias ocultas ou silenciadas são uma forma muito utilizada pelas pessoas mais velhas para evitar constrangimentos ou que as famílias em questão retomem as divergências deixadas no passado. Isso é possível porque atualmente eles – a família Albano e Nunes de Barros – fazem parte do mesmo grupo político. Assim, podemos acreditar que:

[...] As memórias coletivas são construídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLAK, 1992, p.12).

Michel Pollak na afirmativa acima mostra que a construção da memória é relativa ao momento e estrutura social que se vivencia, sendo assim a seleção das memórias ou o ocultamento também revelam aspectos que intrigam o historiador e o fazem construir uma imagem do que teria possivelmente acontecido.

As divergências entre as famílias de Helvídio Nunes e Ozildo Albano trouxeram sérias consequências, pois o Juiz Ozildo Albano chegou a ser cassado. No entanto, essa rivalidade permeou o sentimento de toda a família de ambas as partes, pois duas famílias de grande prestígio na cidade de Picos passaram a se enfrentar abertamente. A rivalidade se perpetuou, mas agora ocorre de forma implícita, pois apesar de fazerem parte da mesma esfera política é perceptível ver pelas atitudes do Senhor Albano ao recusar a entrevista e referir-se a Helvídio Nunes com expressões faciais e corporais de deboche, desconfiança, demonstra que ainda há um ressentimento, que as divergências no íntimo não foram esquecidas, (pelo menos por parte do Senhor Albano – irmão de Ozildo Albano).

Ao mostrar essas divergências é notável que a figura perfeita que os depoentes impuseram a Helvídio Nunes podem ser questionada se levarmos em conta a opinião ou o

testemunho de pessoas que foram direta ou indiretamente afetadas pelas ações do político como no caso de Ozildo Albano.

As relações sociais resultam de ações cotidianas e jogos de interesses que quando são confrontados fragilizam os laços que os uniam. No entanto, as relações sociais são bastante subjetivas e podem mudar com o passar do tempo. Sendo assim, a memória se transforma de acordo com os interesses atuais. Essa perspectiva também pode ser uma forma de “manipulação da memória. Selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória” (FREITAS, 2002, p.61).

Outro fator ainda se destaca com respeito às relações sociais, mas agora num âmbito mais formal, a religiosidade. Assim como grande parte das famílias de tradição em Picos, pode-se bem retratar a proximidade que Helvídio Nunes tinha com a Igreja Católica, pois como de costume quase todos os domingos este compartilhava juntamente com sua família e amigos desse ambiente de expressão de fé e devoção. Mesmo depois de sua ascensão ao poder legislativo não deixava de cultuar seus santos e ir a missas.

A religiosidade além de ser uma forma de sociabilidade também se torna um instrumento poderoso que os políticos utilizavam para sensibilizar a população. É um pré-requisito essencial para ser considerado pela elite piauiense um cidadão de respeito. O envolvimento com a igreja favorecia o político, pois o caracterizava como uma pessoa de bem, ‘uma pessoa de Deus’. No imaginário popular do povo piauiense o catolicismo era a religião verdadeira e que todos os cidadãos de bem deveriam ser participantes ativos nas celebrações. O político se utilizava da igreja e da religião em comícios, em palestras e em festas oficiais para mostrar seus valores e sensibilidade. Essa religiosidade de Helvídio Nunes é destacada no depoimento de seu filho, Carlos Luís Nunes de Barros quando afirma que:

[...] durante toda sua vida papai foi um homem religioso sempre que podia, ia às missas, quase toda semana ou pelo menos uma vez por semana, com toda a família quando não estava viajando e mesmo morando em outros lugares ouvimos sempre falar que ele sempre ia às missas. E em casa sempre fazia suas orações. (BARROS, 2013).

A igreja era um espaço de sociabilidade principalmente entre as famílias mais tradicionais da cidade servindo como um divisor de águas importante para estabelecer a credibilidade da família piauiense. A construção da imagem religiosa permanece sendo um padrão e aspecto positivo e coerente às candidaturas. No fragmento a seguir percebemos

como a articulação da religião com a política é presente no programa político do governador Helvídio Nunes:

Quando o povo piauiense, empolgado pelo mais indiscutível espírito cristão, no recesso de seus lares comemora o advento de Jesus menino, o Governador do Piauí, comungando as alegrias da magna data da cristandade, envia-lhe um caloroso e fraternal abraço de boas festas, rogando a providência divina que ilumine, no decorrer do ano que vai se iniciar, os passos de todos os coestaduanos. Afirmamos que em nenhum momento faltamos aos nossos deveres, em benefício do Estado. [...] para que se concretizem estes ideais impõe-se a continuação do apoio de todas as camadas da sociedade piauiense ao governante, que assim possibilitará melhores dias, mas prósperos e mais felizes ao nosso povo. (Jornal do Piauí, 25 de dezembro de 1968, p.06).

A mensagem de fim de ano dirigida pelo governador ao povo inicialmente faz alusão ao natal comemorado no dia 25 de dezembro pelos cristãos. Helvídio Nunes utiliza essa data de celebração para exhibir seus preceitos religiosos e encontra uma maneira de mostrar os benefícios e compromisso de sua gestão. A nota segue enumerando as obras realizadas pelo governo ressaltando os investimentos que o governo fez e finaliza pedindo o apoio de todas as camadas da sociedade para o êxito dos projetos que “trarão melhores dias, mais próximos e mais felizes ao nosso povo”.

Essa estratégia é bastante comum tanto em campanhas eleitorais quanto durante o governo para reafirmar suas crenças e ganhar o apoio do povo, pois um homem religioso tem conotação positiva na mentalidade popular. A utilização da religião católica também favorece o apoio da igreja na figura dos eclesiásticos. Continuamente podemos perceber a presença de clérigos nos comícios e festas oficiais e quase sempre discursando a favor do político.

No governo de Helvídio Nunes os religiosos tinham participação efetiva, como por exemplo, o Padre Baldoíno Barbosa de Deus, que era Secretário Estadual de Educação durante o governo de Helvídio Nunes. E mesmo no interior, onde a religiosidade também tem caráter positivo, é constante a presença de religiosos junto a assuntos políticos e até mesmo como cabos eleitorais ou secretários administrativos.

Segundo os depoimentos, a igreja era beneficiada com ajudas financeiras por parte de Helvídio Nunes para obras realizadas no templo e na compra especialmente dos vinhos e hóstias. Esta era de grande apoio para a propagação do bom nome da família e do político.

A importância que a igreja tinha ainda nesse contexto político-social relembra um passado onde esta era determinante nas relações, podendo exaltar ou rebaixar qualquer político. O apoio que a igreja atribuía ao regime ditatorial é bem ressaltado nas pesquisas acadêmicas.

Deve-se ressaltar que a Igreja Católica nunca foi uma instituição homogênea, no entanto, no Brasil é evidente a tendência a dividir a postura política da igreja na década de 1960: no primeiro momento como apoiadora do golpe civil-militar de 1964: em um segundo momento, próxima aos movimentos contrários a ditadura sendo ela neste segundo momento, um grande imã na junção de diversos grupos. No nosso entender, a Igreja Católica foi uma instituição determinante em todos os movimentos políticos da década de 1960. (OLIVEIRA, 2008 p.08).

Entretanto, podemos avaliar que os espaços de sociabilidades que Helvídio Nunes frequentava bem como suas relações sociais também se fez preponderante instrumento para sua ascensão política caracterizando-a.

A utilização da força da Igreja no início do regime ditatorial o faz conceituado no ideário popular como homem religioso de princípios e moral, sendo, portanto bem aceito pelo povo piauiense como governador do Estado e este ganhando várias homenagens inclusive de melhor governador do Estado do Piauí até aquele momento.

Assim, o regime militar da década de 1960 mesmo sendo regime fechado e restritivo proporcionou à figura e ao nome de Helvídio Nunes um crescimento cada vez maior no cenário político. Isso se deve também, em grande parte, a suas relações de amizades cultivadas ao longo de sua vida e a sua participação social representando a tradição familiar. Esses traços em sua personalidade, de ser amigo de todos, o homem do povo, lhe são atribuídos durante a sua trajetória política. As articulações que facilitaram sua estabilidade no poder por tanto tempo tem base nas relações familiares e de sociabilidade.

A tradição familiar se tornou forte referência, dentre os demais aspectos sociais sendo esta, relevante para a compreensão das articulações políticas na tomada de decisões.

As famílias determinam as posições políticas partidárias. Helvídio Nunes se utilizou desse artifício para sua ascensão política, visto que a família se sentia na obrigação de apoiar e defender seu representante, pois assim teriam mais benefícios e seriam mais prestigiados do que a família (partido) de oposição. A participação das famílias na política ainda hoje é de extrema importância sendo determinante para as articulações eleitorais onde as famílias mais tradicionais lideram as disputas e mesmo com novos conchavos partidários continuam mexendo com o ideário de um povo na escolha de seus representantes através do favoritismo, compra de votos, por dívidas antigas – ou morais- com a família, ou por simples amizade com pai, avô do candidato.

No capítulo seguinte veremos aspectos de sua política bem como sua atuação e obras realizadas e como elas eram vistas por diferentes segmentos sociais, pois mesmo com o

grande apoio popular que Helvídio Nunes tivera, havia segmentos que criticavam e apontavam suas falhas no governo, combatendo o que eles chamavam de “oligarquia dos Nunes” no Piauí.

CAPÍTULO II

HELVÍDIO NUNES: O POLÍTICO

Helvídio Nunes, político de conduta ilibada,
responsável, correto... (Olívia Rufino)

O período que compreende 1963 a 1970 foi marcado por instabilidades políticas que deram ao Brasil um caráter, não novo, mas diferente do que se presenciara até então. Os militares protagonizavam mais uma vez no cenário político, agora, com mais poder e prestígio intencionando permanecer por mais tempo no poder.

O governador do Piauí diante do novo regime se posicionou a favor e transformou-se no braço forte da ditadura. O governador em 1964, ano do golpe militar, Petrônio Portela, tinha como secretário de Viação e Obras Públicas Helvídio Nunes de Barros, seu primo. Petrônio Portela se manifesta como já foi dito a favor do regime militar e escreve o manifesto em nota oficial abaixo:

No momento em que a nação se encontra a braços com ameaças de sedição; no instante em que o sul do país chegam notícias inquietantes, demonstrativas da possibilidade de vir o nosso País a ser engolfado pela subversão ameaçadora das instituições democráticas. Cumpro o inadiável dever de levar ao conhecimento dos piauienses que o governo do Piauí permanece hoje, como ontem, no firme propósito de defender sem medir sacrifícios e indo às últimas consequências, a ordem democrática, os poderes constituídos, em suma, o império da Constituição. Confio em que o povo colaborará com o Poder Público na preservação da ordem constitucional. Teresina, 31 de março de 1964. (BRANDÃO, 2006, p.279).

O manifesto mostra a posição defendida pela junta governamental (que inclui Helvídio Nunes), do Piauí favorável ao regime. Logo no ano seguinte em 1965 foi instituído pela Presidência da República, o Ato Institucional número dois que elimina o pluripartidarismo restando assim apenas dois partidos o ARENA (Aliança Renovadora Nacional), que se tornou o partido dos militares, formados por membros da UDN (União Democrática Nacional) e PSD (Partido Social Democrático) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que fazia oposição, formado por petebistas, comunistas, sindicalistas entre outros adversários do regime militar. Segundo Wilson Brandão (2006), no Piauí os partidos ficaram em pedaços pelos desentendimentos ocorridos entre eles com relação ao novo regime e o bipartidarismo. No

entanto, com a criação da ARENA, Petrônio Portela, governador do Piauí, consegue manter e consolidar apoios importantes fazendo assim da ARENA uma força no Estado.

No pleito eleitoral de 1966 Helvídio Nunes é eleito Governador do Piauí, pelo voto indireto da Assembleia legislativa pelo partido arenista. Eleito o primeiro governador, depois do bipartidarismo, Helvídio Nunes continua a política de Petrônio Portela, de apoio incondicional ao regime. No entanto, à sombra do que acontecia no país, o Piauí esteve imerso numa política desenvolvimentista onde inúmeras obras públicas foram realizadas entre elas estradas, usina Hidrelétrica, ampliação de emissoras de rádio, escolas, fóruns, obras de saneamento básico, de energia, enfim, o governo do Estado em parceria com a União desenvolve o Piauí. Mas a que custo? Qual a opinião da população piauiense sobre isso?

Helvídio Nunes era visto como escritor, político, pai, esposo, homem, um perseguidor para alguns, um exemplo para outros:

Helvídio foi um político reservado, todavia de conduta ilibada e muito bem quisto por todos que puderam conviver com ele. Jamais foi réu ou suspeito de conduta desabonadora. Os bens materiais amealhados são factíveis com a renda de funcionário público (mesmo de caráter transitório, cargo político) e o patrimônio moral é reconhecido por toda população piauiense. (SOUSA, 2010).

O texto acima é um fragmento de uma matéria do “Jornal de Picos” no ano de 2010, em lembrança dos 10 anos da morte de Helvídio Nunes. O jornalista Francisco das Chagas Sousa (autor da matéria) procurou fazer uma pequena biografia do político exaltando sua atuação na política. No entanto, esse trecho em especial representa a imagem perfeita de um homem e de um político “que é reconhecido por toda a população piauiense”. A representação apresentada mostra que a imagem construída do político se modifica com o passar do tempo, pois nem ‘toda a população piauiense’ reconhece Helvídio Nunes como o político descrito acima. Jornais da época de 1970, como por exemplo, o Jornal “O Estado do Piauí”, revela opiniões contrárias, essas opiniões com certeza repercutiram em 2010 – ano da matéria – e continuam até os dias atuais.

Helvídio Nunes de Barros quando na chefia do governo do Estado, instituiu a mais despudorada e indigna prevaricação com respeito a distribuição dos dinheiros públicos. Várias vezes publicamos com certidões irrecusáveis prova disto. E acreditamos que o exmo. senhor Presidente da República tenha conhecimento desses casos através dos seus serviços de informações, principalmente pelo SNI. Por isso mesmo não acreditamos que Dr. Helvídio seja escolhido candidato a Senador da República. Se a preocupação do exmo. senhor Presidente é selecionar os valores, os mais dignos, os honestos, como vai escolher um homem que já trouxe da Secretaria de

Viação e Obras Pública onde serviu no governo de seu primo Petrônio para a governança o odor das coisas podres?⁸

O texto apresentado foi retirado do Jornal Estado do Piauí em julho de 1970 e mostra opiniões contrárias ao texto anterior de Francisco das Chagas Sousa. Helvídio Nunes é considerado uma pessoa desonesta que “instituiu a mais despuorada e indigna prevaricação com respeito a distribuição dos dinheiros públicos”. Assim, apesar de ser uma coluna anônima, mostra opiniões que não consideram o político como merecedor do cargo de Senador da República, pois trouxe consigo o “odor das coisas podres”. Mesmo que as duas citações sejam de anos diferentes elas mostram diferentes pontos de vista sobre Helvídio Nunes.

Em meio as diferentes opiniões já citadas, veremos através das obras e conceitos pré estabelecidos, o exercício do governante em questão, como se deram as articulações para a concretização e estabilidade no governo do estado e as significativas homenagens que recebeu para refletirmos um pouco sobre o conceito de representatividade que molda o imaginário e legitima o regime político.

2.1 Repensando o regime político brasileiro nas décadas de 1960 e 1970: Helvídio Nunes eleito Governador.

O regime militar é alvo de vastas leituras onde podemos encontrar bastantes interpretações sobre o período. Para entender o tema abordado e a interpretação das fontes a serem analisadas na referente pesquisa, se faz importante uma análise das bibliografias que representam diálogos de autores e como suas visões dos fatos promovem uma historiografia bastante diversificada sobre a época em questão.

O regime militar na visão do historiador Carlos Fico (2004) traz abordagens críticas dos clássicos dos anos de 1970, 1980 e 1990. O autor procura desmistificar estudiosos reconhecidos como, por exemplo, Wanderley Guilherme dos Santos que teria elaborado trabalhos muitos descritivos para chegar a uma conclusão óbvia de que o país estava em crise. Carlos Fico, portanto, escreve críticas às produções acadêmicas voltadas à própria ditadura.

Daniel Aarão Reis (2004) também trabalha o golpe militar de 1964 a partir de uma visão mais ampla. O autor não direciona suas críticas apenas aos militares mais a toda a sociedade que não se manifestou contra a tomada do poder. Muitos civis apoiaram a

⁸ O Estado do Piauí, 12 de julho de 1970, coluna de autoria anônima.

derrubada do governo de João Goulart e se beneficiaram do regime opressor e que hoje não querem se identificar como direitistas, um exemplo clássico é a Rede Globo de Televisão.

O livro “Visões do Golpe” de Maria Celina D’Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro (2004) traz uma série de entrevistas com militares que acompanharam o regime. Os autores expressam no início da obra que não fizeram juízo de valor, apenas proporcionam a visão dos militares oferecendo algo que pode ser chamado de um novo ponto de vista. Nas entrevistas, Generais desacreditam ideias antigas como a de uma conspiração organizada, ou seja, não teria ocorrido um planejamento nem articulação para o golpe. Também teria ocorrido um projeto de governo e muito menos ajuda militar norte americana. Através desta nova historiografia “verdades” estão sendo questionadas e perguntas mais incisivas estão sendo lançados sobre os fatos mostrando que ainda falta muito a ser discutido.

Jacob Gorender (1987) publicou o livro “Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas a luta armada” pela primeira vez em 1987, após pesquisas iniciadas pelo autor em 1979 e após a lei da anistia a obra é um exemplo de leitura tradicional sobre a ditadura militar, não deixando dúvida de que os militares eram os vilões dessa história. A posição desse autor é compreensiva, até por ter sido alguém que foi torturado e foi filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) e depois ao PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário). Apesar de muito crítico quanto ao trabalho de muitos de seus colegas, Jacob Gorender enfatiza as suas boas intenções para com o país. A sua leitura é eminentemente marxista, citando opressores e oprimidos justificando a luta armada como uma consequência da violência militar, mas ainda assim Jacob Gorender é um autor que descreve fatos que aconteceram longe dos olhos da maioria da população brasileira, assim como também tornou-se uma leitura obrigatória, quando se trata das reflexões da esquerda sobre as suas ações.

Pensando em Piauí na ditadura militar, temos os escritos da professora Marylu Alves de Oliveira (2008) remete sua análise a um povo anticomunista, que acreditava nos discursos oficiais no que diz respeito ao comunismo como um mal social. Muitos temiam serem alvos da “perseguição comunista”. A Igreja Católica tinha grande influência no Piauí naquela época (1960), e tentava por meio de revistas e programas e até durante as cerimônias religiosas “esclarecer” o povo sobre a ameaça comunista. Diante das diversas discussões acadêmicas entre os estudiosos principalmente piauienses, sobre a ditadura no Estado, podemos perceber a manobra de que se vale os próprios militares para consolidar o regime no Piauí tanto a igreja como as cassações e censuras na imprensa imporem uma ideologia equivocada sobre os sujeitos ativos e possíveis rivais onde os militares e comunistas se evidenciam.

No entanto, essa ideologia ainda prefigura a mente das pessoas visto que muitas ainda preferem o regime militar e o vê como única solução para “consertar” a situação do país atualmente, tanto no âmbito político, social e até econômico.

De acordo com análise dos depoimentos colhidos percebemos, que no que diz respeito a Picos, interior do Piauí, como em todo o Brasil, havia três classes de sujeitos históricos no qual é importante destacar. A primeira classe é a oposição, a segunda é a dos que eram a favor do regime e a outra é a dos que o via com apatia. A ditadura militar não foi tão repudiada pelos picoenses visto que os envolvidos com a política em grande parte eram compatriotas do partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e também porque no que diz respeito a cassações, em Picos foram bastante incipientes, a ressaltar a cassação de um picoense, juiz do município de Jaicós no qual o próprio Helvídio Nunes de Barros teria assinado. Apesar dessa apatia/apoio ao governo, também havia oposição. Esta faziam manifestações nas ruas pelo fim do voto indireto, e lutas pelo direito de eleger seus representantes.

Como adversários picoenses podemos citar a família dos “Santos” que fazia frente a família “Nunes de Barros” e “Eulálio” todos tendo os coronéis como chefes do patriarcado.

Como afirma em depoimento a professora Olivia Rufino da Silva Borges:

[...]a princípio eram os ‘Santos’, a família ‘Santos’, do doutor Varton Santos, o avô [...] Coronel Francisco Santos e ele estava aliado com os ‘Eulálios’, então Helvídio estava trabalhando junto com os ‘Eulálios’, e o ‘Santos’ na época, muito poderoso, o coronel Francisco Santos era muito poderoso, e Helvídio junto com a família Eulálio combatiam o coronelismo [...] (BORGES, 2013).

Todas foram famílias dirigidas por coronéis de forte poder aquisitivo que vez por outra entravam em conflitos por poder e prestígio diante da conjuntura da época. Mas é interessante ressaltar que ambas as famílias eram tradicionais e distintas e que com o passar do tempo se tornaram opositoras somente na política. Os conflitos se resumiram a lutas pela supremacia de suas ideologias partidárias, respeitando-se mutuamente os líderes envolvidos.

A professora Olívia Rufino em seu depoimento ressalta claramente a luta tanto de Helvídio Nunes de Barros, quanto de Severo Maria Eulálio pelo fim do coronelismo, ambos filhos de coronéis, mas com um propósito em comum, mesmo fazendo frente a seus pais lutavam a favor da liberdade e igualdade, mas não desrespeitando o coronel líder da cidade, como ela mesmo afirma:

[...] ele (Helvídio Nunes) tinha um Jipe 51 com uma boca de auto falante, lembro-me de Helvídio Nunes em pé no estribo do jipe, e pela primeira vez eu ouvi um discurso democrático, enquanto ele falava de democracia,

liberdade e igualdade [...] [fazendo frente ao Coronel Francisco Santos]. (BORGES, 2013).

No entanto, mesmo sendo amigo dos ‘Eulálíos’ - estes representantes do poder na época 1960 – e que compartilhavam aspirações com o MDB, ao não concordar com algumas atitudes desses líderes, ele (Helvídio) decidiu pelo partido opositor UDN que logo depois se tornou ARENA (partido dos militares). Isso ficou bem claro com o depoimento do Sr. Inácio Baldoíno de Barros “a política havia partido desde 1945 as famílias [...] então as famílias que fazia parte da oposição (Celso Eulálio), não condizia bem com [...] ele era violento [...] ele (Helvídio) era amigo dele, mas ele tomou outro partido [...]” (BARROS, 2013).

Sendo assim, podemos perceber que mesmo com as divergências dessas famílias, na época do regime militar as oposições se tornaram apenas ideologias partidárias, mesmo que em comícios da época um fizesse frente ao outro eles se respeitavam como cidadãos de boa família e de inquestionável índole.

A terceira classe de pessoas que também são sujeitos históricos, aqueles que viam o regime militar com apatia, estes não eram pessoas envolvidas com a política diretamente. Entre as conversas que presenciamos, as pessoas nem sabiam o que realmente significava aquela mudança, pois esta não diversificou a situação vivida pela população de Picos, onde o voto de “cabresto”, determinava – e ainda determina – a situação política na cidade. Então mesmo com a movimentação e passeatas nas ruas realizadas pela oposição visando o fim da indiretabilidade do voto estes, “para não se complicar”, optavam por não expressar suas opiniões e outros até viam o regime militar como a solução para situação turbulenta do país, mas na época estes preferiram não expressar-se. A apatia é uma decisão, uma escolha que envolve critérios definidos pela própria conjuntura sócio-política e até econômica-cultural do local ou uma época (CARVALHO, 2004).

O período em evidência – 1960 a 1970 – torna o objeto de estudo simbólico, em vista do dinamismo social, econômico, e principalmente político em que o país vivenciava, um regime de censura, deportações, onde o ser político toma decisões levando em voga toda conjuntura ao seu redor como influência significativa.

As classes de pessoas sugeridas formam um agrupamento que dinamiza todo o processo estudado visto que é um período conturbado onde a posição de todos os atores frente aos acontecimentos são relevantes para se ter uma melhor compreensão de como sucederam os fatos e que fatores foram favoráveis ou contra na sua realização.

Sendo assim, é relevante ressaltar que as articulações que promoveram a rápida ascensão de Helvídio Nunes, como o renome da família e a influência de seu primo Petrônio Portela, as amizades estabelecidas, a conjuntura política da época de 1960, a política assistencialista, as coligações partidárias, enfim, foram aspectos que se encaixam perfeitamente formando uma estrutura sólida em consonância com o surgimento de oportunidades que Helvídio Nunes soube aproveitar para firmar-se no poder. Como afirma o próprio Helvídio Nunes de Barros (1996)

No plano nacional, principalmente no último trimestre de 1963, o quadro político viveu fase de grande agitação. Vários fatores, cada qual de inegável peso, conduziram o país para o estado de quase ebulição. Até a inflação, que chegou a perto de trinta por cento no ano de 1963, deveria chegar segundo as projeções mais confiáveis, à casa dos sessenta e quatro por cento ao final do primeiro semestre de 1964. Surgiram no mês de março preocupantes sintomas e no dia 31 de março eclodiu a notícia da revolução, logo em seguida da fuga de João Goulart para o Rio Grande do Sul e, logo após para o exterior. Expectativas. Ameaças. Notícias da substituição do Governador cortaram os ares. [...]. Os assuntos de natureza político-administrativa não escolhem tempo para ser ventilados. E os de natureza sucessória, a partir do segundo semestre de 1963, ganharam destaque nas rodas da cidade. Absorvido nas tarefas da Secretaria, embora no exercício da presidência do Diretório Regional da UDN, em fase de calma eleitoral, mantinha contatos diários com o Governador. Confesso que foi com surpresa, porém, que ao final de um almoço, na parte residencial do Palácio de Karnak, Petrônio Portela lançou-me a interrogação, também misto de informação: “Helvídio, você ainda não percebeu que é o meu candidato a Governado?” Mudei de cor e gaguejei, é a pura verdade, algumas palavras de agradecimento pela revelação. (BARROS, 1996, p. 61, 62).

Como podemos observar, a fase de agitação, apontada por Helvídio Nunes no trecho acima, mostra momentos de indecisões quanto ao destino político do país, o processo que culminou com o golpe de 1964 dado pelos militares deu um novo sentido ao país, e as mudanças e transformações são inevitáveis. Com o AI-03 onde “A eleição de Governador e Vice-Governador dos Estados far-se-á pela maioria absoluta dos membros da Assembleia Legislativa, em sessão pública e votação nominal”⁹, intensifica ainda mais a corrida política, pois agora poucos se candidatariam, no regime bipartidário. Seria conveniente que o partido da ARENA saísse na frente para formar a chapa que conservaria sua influência à frente das decisões políticas.

A pretensão de Petrônio Portela ao revelar sua intenção de apoiar seu primo ao governo do Estado foi de continuar forte e presente nas decisões políticas referentes ao Piauí,

⁹ Brasília, Ato Institucional. 5 de fevereiro de 1966; 145º da Independência e 78º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03-66.htm. Acesso em 03/02/2014.

pois com o apoio de Helvídio Nunes ele se firmaria ainda mais no poder. Petrônio Portela faz questão de revelar seus propósitos, como podemos ver no trecho: “Você não percebeu que é **meu** candidato a governador?”. Se ele apenas achasse que Helvídio Nunes seria um bom nome para substituí-lo como governador, ele teria apenas apontado na Assembleia, mas Petrônio faz questão de revelar sua intenção de apoiar Helvídio Nunes no pleito eleitoral de 1966. Podemos perceber que os conchavos políticos são intencionais e que são artimanhas criadas para o fortalecimento do partido no poder. Assim, foi que o partido ARENA se manteve forte durante quase todo o período militar e só vai perder influência no processo de reabertura política na década de 1980.

Helvídio Nunes no relato acima caracteriza sua amizade com o atual governador. O frequente contato, a intimidade de almoçar juntos e “na parte residencial palácio de Karnak” mostra que ambos compartilhavam das mesmas ideias e estratégias políticas, assim Helvídio Nunes agarra as oportunidades e se beneficia da preferência de Petrônio Portela para eleger-se governador.

A indiretabilidade do voto foi uma forte arma que Petrônio Portela utilizou para lançar a candidatura de Helvídio Nunes a governador do Piauí, ele era assistente do atual governador e desenvolvia trabalhos como Secretário de Viação e Obras Públicas, Agricultura, Indústria e Comércio – SEVOPAIC, visto que de outra forma seria uma disputa acirrada, pois como já afirmamos havia uma forte oposição. Oficialmente podemos constatar seis candidatos que disputariam com Helvídio Nunes o cargo de Governador: General Jacob Manoel Gayoso e Almendra, ex-chefe de polícia; João Clímaco d’Almeida, ex-vereador de Teresina; Pedro Portela, comerciante; Edgar Nogueira, ex-chefe de polícia; Robert Wall de Carvalho, professor da faculdade de Direito do Piauí e Cláudio Pachêco, advogado. No entanto, o que vale ressaltar é que os candidatos se posicionaram como adversários fortes e que também utilizaram de influências para disputar o cargo. Sobre isso Helvídio Nunes relata:

Em condições normais de pressão e temperatura política, parece claro, o número de candidatos a governador seria reduzido. Talvez alguns se satisfizessem, como aconteceu no passado, em ter os nomes ventilados, expressão usada na época para traduzir insopitáveis aspirações do poder. Face aos casuísticos do processo eleitoral, vigiado de perto pela revolução, muitos decidiram emprestar nomes ilustres, currículos bojudos e parentesco com raízes no tempo à postulação ao Governo do Piauí. É que a escolha realizada pela ARENA, através de seus representantes que cobriam toda a geografia eleitoral do Estado, não era conclusiva, pois que o presidente da República poderia homologar, ou não, a manifestação partidária. (BARROS, 1996, p. 64)

As condições que proporcionaram as disputas eleitorais foram praticamente as mesmas entre os candidatos, se apoiaram em estratégias como o parentesco com oligarcas fazendeiros e políticos de renome e prestígios, também com sua posição na sociedade. No entanto, Helvídio Nunes afirma a rigorosidade da vigilância do processo eleitoral pela revolução, ou seja, pelos militares, mas mesmo assim ainda havia parcerias e apadrinhamentos que favorecia os candidatos da ARENA, pois segundo a narrativa de Helvídio Nunes, a influência do partido “cobria toda a geografia eleitoral do Estado”, ou seja, a representatividade do partido dos militares era forte no Piauí. Mesmo assim, Helvídio Nunes é eleito pela Assembleia Legislativa com 31 votos (77,50%). É um percentual relevante se levarmos em conta a quantidade de candidatos (seis) ao governo do Piauí. O mais novo governador eleito atribui sua vitória a força e influência de Petrônio Portela. “Escolhido pelo colégio partidário, homologado pelo presidente Castelo Branco, com a coadjuvação do Governador Petrônio Portella, eleito pela Assembleia Legislativa do Estado, assumi no dia 12 de setembro de 1966 o Governo do Estado” (BARROS, 1996 p. 65).

2.2 Governador do Piauí: entre feitos e promessas.

Piauienses! É com profunda emoção e humildade que, perante este Egrégio Poder Legislativo, tomo posse no cargo de Governador do Estado. Ao fazê-lo, dirijo meu primeiro pensamento a Deus, senhor e Criador de todas as coisas, começo e fim, rogando-lhe que ilumine, que me dê forças e coragem para continuar os embates da vida. (BARROS, 1981 p. 15).

Ao ser eleito governador, Helvídio Nunes, como já foi afirmado em linhas anteriores, realizou um governo assistencialista e desenvolvimentista de acordo com o contexto militar que vivenciara na década de 1960. Ao caracterizarmos o seu governo é inevitável apontar algumas de suas mais importantes obras, mas faremos isso não com a intenção de exaltá-lo e sim de comparar suas propostas iniciais ressaltada no discurso de posse e confrontar com relatórios finais de seu governo. No entanto, também analisamos jornais da década de 1960 onde mostram suas idas e vindas por todo o Piauí inaugurando praças, escolas, estradas, postos de saúde, enfim, o certo é que os jornais “O Dia”, “Jornal do Piauí” revelam um governante presente em todo o Estado e que atuou na maior parte do Estado sendo elogiado principalmente pela população interiorana.

Neste momento não abordaremos os princípios e as intensões dos jornais aqui citados, mas é necessário afirmar que como disse o depoente Dagoberto Araújo “Helvídio era um homem que pensa pequeno, de obras pequenas”. Assim, as escolas, os postos de saúde,

fóruns, açougues, fontes eram pequenos, principalmente no interior. Eram inaugurados postos com 02 (dois) compartimentos e grupos escolares com duas ou três salas. Então, mesmo criando escolas, postos de saúde ainda era insuficiente para grande demanda populacional do interior do estado. Um exemplo que podemos citar é o fórum de Picos que continha, segundo dados do depoente Dagoberto Araújo, “apenas 6 salinhas no térreo e um corredor largo e uma sala maior, em cima funcionava a Escola Normal, com algumas salas” e atendia boa parte do sul do Piauí tanto a parte burocrática quanto judicial e até mesmo de casamentos.

Sendo assim, podemos observar que a publicidade que se fizera em torno das obras realizadas e inauguradas no governo de Helvídio Nunes tinha como objetivo maior exaltar a figura do político e mais diretamente o governo militar, que segundo os jornais, era sistema que desenvolvia o Brasil. A propaganda era forte arma que o regime utilizava para fixar na mente das pessoas os benefícios trazidos pelo regime e assim ter uma aceitação maior, aceitação esta que perdurou duas décadas.

No entanto, quando comparamos as propostas que Helvídio Nunes fizera no seu discurso de posse com os relatórios finais publicados no final de cada ano podemos perceber que muitos de seus propósitos puderam ser realizados durante seu governo e outros com sua influência de senador. Ao analisar seu discurso de posse temos uma proposta de integração ao conceito nacional através da criação do II Plano de Desenvolvimento Econômico e Social, onde propõe melhorias na (o):

- Agricultura, com incentivos fiscais para ampliar e renovar tecnologias aplicadas.
- Indústria, com a proposta de criação de distritos industriais, assistência, financiamentos, assessoria técnica-administrativa e incentivos fiscais.
- Dinamização do Banco do Estado, através de convênios e contratos com órgãos públicos (SUDENE) e privados.
- Investimento em infraestrutura, com a realização de novas obras nos pilares base para o desenvolvimento: Transporte, Energia, comunicação.
- Educação, com a eliminação do déficit de escolaridade, contratação de profissionais suficientes para a demanda, ampliação de estabelecimentos e equipamentos para o ensino médio, Criação da Universidade Federal do Piauí.
- Saúde, com a criação de novos postos e dinamizar os postos já existentes, alcançar o maior número de pessoas possíveis através de atendimentos prioritários de baixo custo, intensificar os investimentos na política sanitária com criação de redes de esgotos e estação de tratamento. Expandir o abastecimento de água.

- Seguro social, com a assistência e previdência do Estado.
- Habitação, através da expansão das COHABI-PI e criação de 3.000 residências.
- Justiça e Segurança Pública, reestruturação do departamento de polícia técnica, criação do Instituto Médico Legal, Escolas de Polícia, Corpo de Bombeiros, Penitenciárias, Casa do Menor, Fóruns.

As propostas acima são estruturadas na continuação das ações desenvolvidas durante o governo de Petrônio Portella. Não há uma desvinculação do antigo governo, mesmo porque ambos compartilhavam de aspirações políticas muito parecidas e também, há uma tentativa dos governantes em aproximar o Piauí do cenário nacional.

Para a execução de todas as obras propostas, Helvídio Nunes contou com o apoio principalmente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) que são dois órgãos criados pela União para tentar solucionar problemas de desenvolvimento e desigualdades sociais através de financiamentos de obras e estratégias de combate a pobreza. Esses órgãos tiveram importante participação nos projetos desenvolvidos no regime militar em todo o nordeste e através deles grandes projetos foram desenvolvidos no Piauí, mas sabemos que estas instituições também foram alvos de escândalos de corrupção sendo por certo período extintos e depois reativados.

Apesar das dificuldades passadas pelo Piauí com a queda dos preços dos produtos exportados (cera carnaúba, e óleo de babaçu) na década de 1960, o Piauí segundo Helvídio Nunes “conseguiu avançar rumo ao desenvolvimento” (BARROS, 1969, p. 16). Com investimentos dos órgãos acima citados, o governo, através do Banco do Estado também oferece créditos e incentivos fiscais alavancando assim “a marcha para o desenvolvimento”.

Uma das obras que inicialmente foi plano do governo de Petrônio Portela e se concretizou com a administração de Helvídio Nunes foram às eclusas e a Hidrelétrica de Boa Esperança, inaugurada em 1970 com o objetivo de proporcionar energia “para todo o Piauí”. Foi uma grande realização, no entanto naquele momento o Piauí não fornecia infraestrutura suficiente para que todas as cidades recebessem energia, o governo estadual em convênio com as Centrais Elétricas do Piauí S.A. – CEPISA possibilitou que algumas cidades – as maiores – do estado pudessem usufruir desse benefício. A energia que era fornecida por termoelétricas eram ativada às 18:00hs e desativada às 22:00hs, com o fornecimento proveniente da Hidrelétrica de Boa Esperança a energia permaneceria sem limites de tempo. Mesmo assim, boa parte das cidades e povoados principalmente no sul do Piauí não tinham infraestrutura para compartilhar desse benefício e somente no século XXI é que essas cidades e povoados

puderam usufruir desse bem. Isso mostra que apesar das tentativas de desenvolvimento, o Piauí sempre ficou aquém no requisito de desenvolvimento.



Figura 09: Governador Helvídio Nunes nas obras da Hidrelétrica de Boa Esperança. Ao lado dos governadores José Sarney e Plácido Castello.
Fonte: Barros, Helvídio Nunes de. Instantes de uma vida. Brasília, 1981 p. 82.



Figura 10: Hidrelétrica Boa Esperança
Fonte: <http://www.chesf.gov.br>. Acesso em 15/02/2014.

No que diz respeito a estradas e rodovias, outra proposta do governo Helvídio Nunes é emergência da construção de algumas rodovias entre elas a BR 316. No relatório de governo percebemos o projeto de construção civil como um avanço de um estado onde 90% de suas principais rodovias careciam de pavimentação asfáltica, e junto ao Ministério dos Transportes houve um financiamento maior, pois a melhoria das estradas facilitaria o desenvolvimento e a agilidade das demais obras.

Levamos o Piauí a todos os plenários. O nosso estado com o suporte de planos e projetos confeccionados pelos próprios técnicos, pleiteou e reivindicou, tempestiva e validamente, às mais altas autoridades do país. [...] Ultrapassamos, assim, a fase do comodismo, do empirismo, da improvisação. O Piauí de hoje sabe o que quer, conhece os seus problemas e persegue, com determinação os seus objetivos. (BARROS, 1968, p.7).

Apesar das belas palavras e da eloquência das ideias o fato é que, o Piauí há muito tempo tinha sua economia travada, não progredia e pelo contrário, retrocedia, pois o país se inseria no mercado mundial com tecnologias avançadas, métodos e técnicas que favorecia as produções e exportações. Estamos nos referindo a segunda metade do século XX, onde o mundo girava em torno das corridas tecnológicas e do consumismo, o Piauí nem tinha estradas. Contudo podemos afirmar que era imprescindível que o governo desenvolvesse, não

só o Piauí, mas o nordeste inteiro, pois com uma grande população e grande potencial econômico iria favorecer a política desenvolvimentista adotada para consolidar o regime militar.

A ideia de aceleração e desenvolvimento defendida pelo regime iniciado em 1964 trás consigo representações que envolvem o imaginário do povo, reafirmando esse pressuposto temos na citação a seguir aspectos que eram defendidos pelo governo que reafirmava o poder que a “Revolução” tinha para transformar o país e acabar com a corrupção.

Quando há pouco, no propósito de preservar os ideais da Revolução de 1964, o governo federal editou o ato Institucional nº. 3. O Piauí, pelo seu governo, continuou voltado para o trabalho, dedicado itinerante à obra de aceleração do processo de desenvolvimento estadual. [...] acreditamos que o nosso país, punidos os corruptos e os subversivos, vencerá as dificuldades do presente e marchará, com as lideranças dinâmicas, para a consecução do seu grande destino histórico. Vive o Brasil uma fase decisiva. O Piauí não faltará ao seu **dever com a nacionalidade**. (grifo meu). Que venha a reforma das instituições, naquilo que têm peremptas; que se concretize, imediatamente, a reforma universitária; que se proceda, com urgência, a uma digna e humana distribuição de terra; enfim, que se implante a justiça distributiva, que a todos sejam oferecidas iguais oportunidades, pois somente assim a Revolução atingirá, em plenitude, os elevados ideais que a inspiram. (BARROS, 1968, p. 15)

A citação acima são palavras de encerramento da 3ª mensagem anual proferida pelo governador Helvídio Nunes onde são realizadas prestação de contas sobre o dinheiro investido e as obras realizadas à Assembleia de Deputados. Podemos observar a reafirmação de algumas ideias já ressaltadas no texto, mas que vale apenas analisarmos para apreender melhor as afirmações proferidas.

A primeira encontra-se nas linhas iniciais onde Helvídio Nunes fala da importância de se preservar a revolução através do Ato Institucional nº 3. O ato permitiu a indiretabilidade da escolha do governador, esse fato possibilitou a ascensão do político ao poder executivo sendo utilizado como instrumento para consolidação da força do partido militar no Piauí. Em seguida assim como Petrônio Portella, o governador também faz questão de mostrar sua posição a favor do regime mostrando que só com o combate a corrupção e aos subversivos é que o país avançará rumo ao desenvolvimento.

A ideia é implantada no imaginário da população como “destino histórico” onde o Piauí tem um “dever com a nacionalidade” com o país ou com o regime, o dever seria talvez de permitir que através da aceitação do regime o Piauí tem a obrigação de se equiparar aos outros estados e participar ativamente da economia, só assim o país alcançaria a plenitude, o

desenvolvimento. E por último ele coloca as ideias da revolução que é de combater às desigualdades sociais através das oportunidades que só a revolução proporcionaria.

É importante afirmar que as obras e benefícios realizados no Piauí no governo de Helvídio Nunes são consequências de um pensamento maior do que o de simplesmente desenvolver o Piauí para o bem da população piauiense. A inserção do estado no contexto nacional favoreceria aos anseios da classe dominante e ao enriquecimento dos outros estados visto que o Piauí ainda hoje é um dos estados mais pobres e atrasados no Brasil.

A criação do Bairro Parque Piauí e o processo de saneamento em Teresina foram importantes instrumentos para o êxito e o aumento da popularidade de Helvídio Nunes. Ao contribuir para o projeto de habitação e melhorias na qualidade de vida da população o governador realizou uma obra que há muito tempo eram cobradas pelos cidadãos, pois a capital do Piauí na segunda metade do século XX não possuía estrutura suficiente para investimentos empresariais de grande porte, refletindo ainda mais o atraso do Piauí em relação aos outros estados do Brasil, assim com a realização dessas e demais obras, a credibilidade dada ao governador cresceu ainda mais chegando este até a ser homenageado como o melhor governador do Piauí até aquele momento e a receber o título de cidadão teresinense.

No aspecto de fomentação à indústria, além da criação do Parque Industrial em Campo Maior, e de inúmeros incentivos fiscais, o governador do Piauí encontrou problemas nas instalações do Frigorífico do Piauí – FRIPISA. A Estatal é de grande porte e tinha o objetivo de incentivar a pecuária piauiense através de exportações de carne bovina, mas os investimentos não foram suficientes para proporcionar o resultado esperado de abastecer todo o Piauí, e ainda outros estados. Essa atividade reduziu-se apenas ao abastecimento da capital e comercialização com algumas cidades de estados vizinhos.

Tema de muitas críticas o FRIPISA foi alvo de escândalos e sua administração acusada de corrupção, desvio de dinheiro. O estado foi obrigado a privatizar o estabelecimento e os novos donos mesmo com investimentos próprios não obtiveram o êxito esperado. Sobre esse tema o jornal “O Estado do Piauí” afirma que:

[...] o Dr. Helvídio o principal responsável da compra de uma caldeira para o FRIPISA que segundo nosso informante custou muitos milhões de cruzeiros do Estado, pagos adiantadamente há muito tempo a uma firma que o Dr. Helvídio deve saber de quem se trata, mas que até hoje não entregou a caldeira, fato este que está ocasionando sérias dificuldades e grandes prejuízos ao FRIPISA. O Dr. Helvídio quando governador não deu confiança as nossas verdadeiras acusações, sempre deu o silêncio por resposta, numa confissão tácita da sua culpa. Mas hoje que ele está na chãplanície – no

nosso território- deve aparecer o quanto antes para contar a história dessa caldeira. Se o negócio tivesse sido feito por concorrência pública nós estaríamos por dentro do negócio, mas na administração dele sempre primou e adotou concorrências engarrafadas. Aí estão as centenas de convênios e contratos nunca registrados no tribunal de contas os feitos entre ele e os interessados com assistência apenas dos paredões do Palácio de Karnak, de onde ele saiu para nunca mais voltar. (Jornal O Estado do Piauí, 12 de julho de 1970, p. 03).

Apesar de ser uma matéria de autor desconhecido, foi feita uma acusação muito séria de que houve “movimentos intrigantes” com relação à compra de uma caldeira e a utilização do dinheiro nela empregada. O fato é que essa caldeira até o momento da reportagem nunca apareceu no estabelecimento do FRIPISA. Essa matéria mostra que houve realmente denúncias e conflitos sobre a maneira como os diretores da estatal administravam os negócios e também demonstra que nem tudo o que o governo fazia o povo acreditava ou aceitava. É certo que o jornal “O Estado do Piauí” se mostrava como oposição. No entanto, um jornal de oposição em pleno regime ditatorial também aponta certa abertura no sistema de censura, uma falha no sistema de informações do regime ou até mesmo uma estratégia política para reafirmar outros interesses da classe dominante.



Figura: Frigorífico do Piauí S.L – FRIPISA. 2006. Situado na Rua Siqueira Campos, 372, Campo Maior –PI.

Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/21168173>. Acesso em 20/02/2014.

A fotografia acima é a frente deteriorada do Frigorífico do Piauí. Uma monumental estrutura, mas que por falta de investimentos não obteve o êxito esperado. Nas palavras do chargista João de Deus Neto (2008) “Hoje a estrutura predial (e que estrutura!) lembra um

Titanic submerso num oceano de mistérios nunca esclarecidos, onde fazem pasto amistosamente, acreditem se quiser, fantasmas de peixe-boi e o ressurreto boi-bumbá.”

Outras realizações também ocorreram durante o governo de Helvídio Nunes, mas nossa proposta como foi afirmado anteriormente, não é listar os benefícios ou malefícios realizados pelo governador do Piauí e sim mostrar que entre promessas e realizações há uma trama, ou melhor, um jogo de interesses políticos que promoveram o político Helvídio Nunes oferecendo, mesmo em meio a denúncias de problemas administrativos, prestígio e estabilidade política que o tornaram referência nacional e foco de inúmeras homenagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância que se dá as diferentes reflexões sobre o período faz da investigação um importante instrumento para situar o Piauí nesse contexto tendo uma visão dos sujeitos políticos ativos como um forte referencial para análise e estudo. Pois, como afirma René Rémond, (2003).

A história, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela própria à mudança. Existe, portanto, uma história da história que carrega o rastro das transformações da sociedade e reflete as grandes oscilações do movimento das ideias. É por isso que as gerações de historiadores que se sucedem não se parecem[...] (RÉMOND, 2003, p. 13)

Assim, a proposta é de análise do que já foi escrito para o entendimento de uma situação específica onde conflitos entre interesses formam um panorama histórico pouco estudado levando em consideração a figura de um político do interior e sua ascensão a um cargo tão importante na federação e qual era a posição do Estado diante do regime opressor nas atitudes do governador Helvídio Nunes de Barros e do povo piauiense ao percebê-lo como representante legal de seus interesses.

Contudo, as análises realizadas mostraram que as estratégias políticas vão além do ambiente político e abarcam uma conjuntura ainda maior. A família, os círculos de amizade, o momento político oportunizam manobras que consolidam as relações de poder dos indivíduos. Esses são imbuídos de conceitos pré-estabelecidos que se formam ao longo da trajetória de vida e se refletem em suas ações, e mostram as várias faces dos sujeitos. O ser humano tem a habilidade de se adaptar ao meio em que vive e retirar desse meio instrumento que dão suporte a transformações necessárias naquele momento. Assim, o jogo, as intrigas, as estratégias que levaram Helvídio Nunes a ter uma carreira tão ascendente em meio ao regime repressor militar foram se construindo e se firmando levando em conta as relações sociais e familiares visto que elas promoveram uma aproximação do político com diferentes ambientes e realidades.

A participação de Teresinha Nunes, esposa de Helvídio Nunes, na administração foi um importante meio para confirmar a popularidade e a aceitação do político na sociedade, as obras assistencialistas cultivaram afetos e pactos de fidelidade principalmente com as classes sociais mais frágeis. A participação da igreja também contribuiu para aumento do prestígio do

político, pois esta é um instrumento de alcance em massa e disseminação de ideologias que penetram no íntimo das pessoas através da fé e da religiosidade.

A situação política que o Piauí se encontrava, social, econômica e politicamente facilitou sua ascensão ao poder e legitimaram seus objetivos desenvolvimentistas, sendo que essas são aspirações compartilhadas tanto pelo político quanto pelo próprio regime. O governo do Piauí foi receptivo ao regime desde sua instauração no país e o utilizou como importante instrumento para consolidação de influências. Isso foi evidenciado pelas mensagens oficiais que foram proferidas primeiramente por Petrônio Portela governador do Piauí em 1964 e conseguinte por Helvídio Nunes.

As obras realizadas no governo de Helvídio Nunes muitas foram idealizadas inicialmente no governo Petrônio Portela como, por exemplo, o FRIPISA. Assim, Helvídio Nunes continuou uma política que já existia, pois mesmo como governador do Estado ainda mantinha relações íntimas administrativas com o “agora” (1966) Senador Petrônio Portela. Mas é válido ressaltar que o Governador Helvídio Nunes em sua administração trouxe ao Piauí importantes obras que facilitou a inserção do Piauí no mercado nacional e mundial. A construção da BR 316 e as estradas de ligação entre as cidades do interior do Estado foi um significativo avanço para a ampliação do comércio e da agricultura. Além disso as demais obras de infraestrutura da capital como os saneamentos, as habitações, escolas, matadouros postos de saúde e no interior com energia de qualidade fornecida pela hidrelétrica de Boa Esperança trouxeram melhor qualidade de vida para a população. No entanto, o Piauí ainda continua aquém do desenvolvimento esperado em relação às grandes metrópoles da região sul do Brasil, muita coisa ainda precisa ser realizada.

Helvídio Nunes tentou articular seu lado homem e seu lado político numa junção de valores que proporcionaram uma estabilidade política e social, mas essa união de papéis condicionou a vida familiar às inconveniências da vida pública. Os momentos íntimos, singulares e particulares foram subjugados por vezes aos anseios de uma sociedade cada vez mais deterministas principalmente no que se relaciona ao perfil de família perfeita.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

• Fontes Orais

BARROS, Inácio Baldoíno de. Entrevista concedida a Maura Régia Feitosa de Freitas, Picos – PI, 06 de Agos. 2013.

BARROS, Carlos Luís Nunes de. Entrevista concedida a Maura Régia Feitosa de Freitas, Picos – PI, 25 de Jul. 2013.

BARROS, Eluzirton. Entrevista concedida a Maura Régia Feitosa de Freitas, Picos – PI, 14 de Agos. 2013.

BORGES, Olívia Rufino da Silva. Entrevista concedida a Maura Régia Feitosa de Freitas, Picos – PI, 02 de Agos. 2013.

MONTEIRO, Joaquina. Entrevista concedida a Maura Régia Feitosa de Freitas, Picos – PI, 02 de Agos. 2013.

ROCHA, Dagoberto de Araújo. Entrevista concedida a Maura Régia Feitosa de Freitas, Picos – PI, 02 de Agos. 2013.

Fontes Hemerográficas

BRANCO, Lili Castelo. **Teresinha Nunes de Barros**. O DIA, Teresina, 01 de nov. de 1969, ano XIX, nº 2845, p.3.

Despudorada e Indigna Prevaricação. O Estado do Piauí, Teresina, 12 de jul de 1970, ano XII, nº 1376, p.3.

Helvídio Dirige Mensagem ao Povo. Jornal do Piauí, Teresina, 25 de dez de 1968, ano XVII, nº 1973, p.6.

RAULINO, Elvira. **Elvira Raulino e a Sociedade**. O Dia, Teresina, 16 de set. de 1969, ano XIX . nº 2.806 p.2.

• Documentos, Sites

AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História**: possibilidades, limites e tensões. Revista Dimensões, vol.24, 2010, p.157-172. ISSN: 1517-2120. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/data/uploads/Dimensoes%2024%20-%207%20%20Alexandre%20de%20Sa%20Avelar.pdf> acesso em 29/01/13 Às 19:00hs.

CONCEIÇÃO, Lúvia Beatriz da. **História e Biografia:** limites e possibilidades teóricas. Revista Cantareira. Jul-dez de 2011. Disponível em: <http://revistacantareira.files.wordpress.com/2012/01/histc3b3ria-e-biografi-a-limites-e-possibilidades-tec3b3ricas1.pdf>. acesso em 29/01/13 Às 19:10hs.

Museu Ozildo Albano. Foto recente de Helvídio Nunes ao lado de sua esposa Teresinha Nunes e Seu filho Carlos Luís Nunes. Figura 08.

NETO, João de Deus. **FRIPISA:** o fantasma do Titanic. 21 de Outubro de 2008. Disponível em <http://bitorocara.blogspot.com.br/2008/10/frigorfico-do-piau-s.html>. Acesso em 11/02/2014 às 15:59hs.

PIOVESAN, Greyce Kely. **Biografia, trajetória e história.** 2007. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Greyce%20Kely.pdf> . acesso em 29/01/13 Às 19:10hs.

SOUSA, Francisco das Chagas de. **Homenagem:** 10 anos da morte de Helvídio Nunes. Jornal de Picos.19/11/2010 Disponível em: http://www.jornaldepicos.com.br/noticias_fotos/18.jpg&imgrefurl acesso em 29/01/13 Às 19:00hs.

<http://www.mundo/evita-peron-o-mito-que-continua-vivo-60-anos-depois-de-sua-morte,d06a97c1068da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 26 de Julho de 2012 às 08:34hs.

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eva_peron_a_idolatrada_mae_dos_pobres.html. Acesso em 09 de Fevereiro de 2013 às 19:43hs.

<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pi-resultado-eleicao-para-governador-senador-deputado-federal-deputado-estadual-1966>. Acesso em 09 de Fevereiro de 2013 às 19:00hs.

<http://oglobo.globo.com/economia/fraude-em-fundos-de-sudene-sudam-pode-chegar-r-166-bilhoes-diz-ministerio-3025590>. Acesso em 09 de Fevereiro de 2013 às 18:00hs.

• Bibliografia

ARAÚJO, Maria Celina Soares d'. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO Celso. **Visões do Golpe:** a memória militar de 1964. Ediouro, 2004.

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Discionários Enciclopédico do Gurguéia,** Teresina. Halley, 2008.

BARROS, Helvídio Nunes de. 1ª **Mensagem Anual.** Imprensa Oficial. Teresina, 1967.

_____, Helvídio Nunes de. 2ª **Mensagem Anual.** Imprensa Oficial. Teresina, 1968.

_____, Helvídio Nunes de. 3ª **Mensagem Anual.** Imprensa Oficial. Teresina, 1969.

_____, Helvídio Nunes de. **Instantes de uma vida.** Brasília, 1981.

_____, Helvídio Nunes de. **Tempo de Política,** Teresina. Alínea Publicações. 1996.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. **Mulheres Plurais:** a condição feminina em Teresina na primeira república. Teresina, 1996.

BRANDÃO, Wilson Nunes. **Mitos e lendas da política piauiense.** Gráfica do Povo Teresina, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados:** O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 3 ed., 1999.

CRUIKSHANK, Julie. **Tradição oral e história oral:** revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral.** 5ª ed. FGV. Rio de Janeiro, 2002.

CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória.** Revista Espaço Acadêmico, jan. 2006, ano V, nº56, p.2.

DUTRA, Eliane R de Freitas. **História e Culturas Políticas:** Definições, usos, genealogias. Varia História nº 28. Dezembro 2002.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** possibilidades e procedimentos. FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 2002.

DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa.** 3. ed. Campinas – SP. Autores Associados, 1998.

FICO, Carlos. **Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.** Revista Brasileira de história. São Paulo. V.24, nº47, p. 29-60, 2004.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Os homens que governaram o Piauí:** Fatos administrativos. Gráfica Junior. Teresina, 1989.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira:** Das Ilusões Perdidas à Luta Armada, Editora Ática, São Paulo. 1987.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Contra a Foice e o Martelo:** Considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: Uma análise a partir do jornal O DIA. Fundação Monsenhor Chaves. Teresina, 2007.

_____, **Em nome de Deus, da Democracia e da Terra:** representações anticomunistas na década de 1960 no Piauí. Revista Antítese, vol.1, n.2, jul – dez de 2008, pp. 373-406.

POLLAK Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

PRIORE, Mary Del. **Biografia:** quando o indivíduo encontra a história. TOPOI, v.19, jul-dez 2009.

REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)**. Edusc. São Paulo, 2004.

RÉMOND, René. **Uma história Presente**. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. 2ed. Rio de Janeiro. FGV, 2003.

STEFFENS, Marcelo Hornos. **A Biografia na Pesquisa Histórica: Uma análise do trabalhismo no Brasil**. Revista de Teoria da História. Ano 02, nº 04. Dezembro de 2010.